

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Janeiro-Fevereiro de 2000

**As dimensões
do grande
conflito**

**Cristo, a
personificação
do Sábado**

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

12 A VANTAGEM ADVENTISTA

Numerosos estudos realçam o valor do sistema de saúde adventista, embora seja um aspecto que ainda precisa de maior apoio na Igreja.

15 CRISTO, A PERSONIFICAÇÃO DO SÁBADO

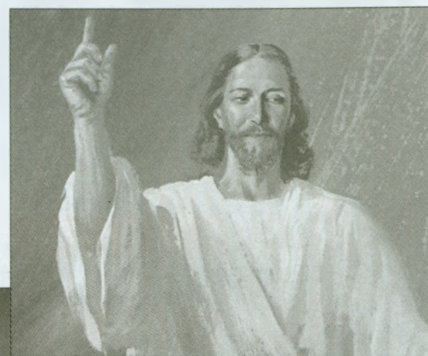
Nenhuma pessoa bem-intencionada pode negar as evidências da guarda do sábado, antes do Sinai, e sua continuidade depois de Cristo.

23 O GRANDE CONFLITO

A volta de Cristo é precedida por uma guerra espiritual, na qual todas as pessoas estão envolvidas. E não precisam ser derrotadas.

28 DE VOLTA ÀS ORIGENS

Especialista enfatiza a necessidade de plantar igrejas, nos moldes do pioneirismo adventista.



SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

9 PONTO DE VISTA

21 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS

Ano 71 – Número 01 – Jan./Fev. 2000
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Editor de Arte: Wilson Almeida

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón; José M. Viana;

Colaboradores: Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira;

José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros

Capa: João Luiz/Jobson

Diretor Geral: Wilson Sarli;

Diretor Financeiro: Ednor Max Gruber;

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa;

Visite o nosso site: www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: redacao@cpb.com.br

Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e do editor, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP

5499/6653



Divulgação

Tempo de ser santo

Tendo como destinatários aqueles “que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (II Ped. 1:1), a segunda carta do apóstolo Pedro foi escrita provavelmente em Roma, pouco antes de 67 d.C., ano do seu martírio. O tema, semelhante ao da primeira carta, é de cunho pastoral. O apóstolo exorta a seus leitores no sentido de que continuem crescendo na graça e no conhecimento espiritual, a fim de que possam cumprir o propósito de Deus através de seu chamado e vocação.

No primeiro capítulo, ele procura animá-los, mencionando sua experiência pessoal e a segurança da palavra profética. No segundo, adverte contra os falsos mestres. Finalmente, no terceiro capítulo, depois de falar sobre a rejeição da promessa da segunda vinda, por parte dos críticos do seu tempo, conclui com uma afirmação de certeza na concretização desse acontecimento e o conselho para que os leitores estejam preparados para ele.

Especialmente um verso do capítulo três nos convida a uma oportuna reflexão: “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade...” (v. 11). Isto é, em vista de que toda forma de pecado será completamente destruída, é necessário que os que sabem da iminência desse acontecimento sejam diligentes em permitir que Cristo elimine todo rastro pecaminoso de sua mente e de sua vida. A expectativa da volta do Senhor sempre inspira os cristãos a uma vida santa. Por outro lado, a descrença freqüentemente produz indiferentismo no comportamento, tal como acontecia com os mestres dos dias de Pedro.

Em meio a uma existência precária num mundo precário, é importante ter em mente, como nos ensina esse verso, que as pessoas são mais importantes do que as coisas, embora muito facilmente nos esqueçamos disso. Em geral, desenvolvemos o hábito de pensar que o mundo, suas atrações e máximas são mais importantes do que as pessoas. É justamente nesse ponto que nos pomos a construir castelos, elaborar planos, acariciar sonhos de grandeza pessoal usando as armas do mundo, inspirados por seus conceitos, suas opiniões e idéias.

Pedro, como sábio pastor, conclama seus leitores a refletir e aplicar-se à compreensão da verdade irrefutável que o caráter do homem é a única coisa que ele pode levar para além deste mun-

do. É com ele que Deus Se preocupa primariamente. Moldá-lo segundo a Sua vontade deve ser também nossa primeira preocupação. Santidade de vida, glorificação a Deus e serviço à Igreja com-prada com o sangue de Cristo são qualidades que devem caracterizar nossa experiência, em contraste com a vaidade pessoal, o apego ao poder, o descaso para com as coisas santas e a indiferença em relação ao fim, tão comum no mundo atual.

Se o conselho de Pedro era válido em seus dias, muito mais o é agora, quando, na irreversível sucessão de dias e noites, chegamos ao ano 2000. Aguardado com inusitada expectativa, previsões apocalípticas e esperanças místicas, ele não é especial apenas por ser o ano 2000, e sim, por ser mais um novo ano que nos coloca mais próximos do dia do Senhor e sob o sagrado dever de viver segundo a elevada vocação à qual fomos chamados, “esperando e apressando a vinda do dia de Deus” (v. 12). Isso significa ação.

O verbo esperar, do grego *prosdokáo*, aparece três vezes nos versos 12-14 e contém a idéia de uma antecipação afanosa. É nesse sentido que devemos aguardar a vinda de Cristo. Não se trata de uma espera infrutífera, mas um tempo de cooperação ativa com Deus na redenção da sociedade. A expressão “apressando” realça o sentido desse pensamento. Ela implica nosso envolvimento em facilitar a chegada “do dia de Deus”; desejá-lo ferventemente.

Embora não tenhamos definida a data desse dia, o desenrolar dos acontecimentos nos indica sua iminência. Entre outras coisas, ele significará o fim do milenar conflito entre Cristo e Satanás, no qual estamos diretamente envolvidos. Apesar da gravidade dessa batalha, temos à disposição recursos celestiais que garantem a nossa vitória. Não demorará muito e a guerra recrudescerá, tendo como principal ponto de discórdia o dia de adoração a Deus. O campo de batalha está definido. Nos bastidores, as forças inimigas já estão adiantadas no desenvolvimento de anunciadas estratégias. Não temos tempo a perder.

É necessário que voltemos às nossas origens, tanto no que diz respeito a um cada vez mais definido foco da sagrada missão que nos foi confiada, quanto no que tange à submissão à graça de Cristo e ao poder do Espírito Santo, a fim de vivermos “em santo procedimento e piedade”. A solenidade do tempo não permite menos que isso. – Zinaldo A. Santos

Pastor de pastores

ZINALDO A. SANTOS

Ele sempre está pronto a atender qualquer pessoa. Não se limita a horários. De dia ou de noite, se o telefone toca ou alguém bate à porta, não mede esforços nem avalia circunstâncias. Mesmo que não o busquem, ele vai diligentemente à procura das pessoas, a fim de assisti-las em suas necessidades. Ouve lamentos, queixas, desabaços, confidências. Chora e ri, aconselha e ora. Conforta e ajuda a dissipar as sombras que toldam a existência. Estende a mão ou o cajado e liberta o que se acha perdido entre os espinhos da vida. Adverte o transgressor dos perigos da senda pecaminosa. Mostra-lhe a segurança do caminho da salvação. Nutre o espírito do povo com mensagens bíblicas, batiza, faz casamentos, dedica os pequeninos a Deus. Festeja nascimentos e realiza funerais. E ainda cumpre as obrigações burocráticas e administrativas da igreja.

Assim é o pastor. Cuida de tudo e de todos. Mas, quem cuida dele? Ou não precisa disso? É porventura um super-homem? Não tem sentimentos? Não precisa de um ouvido, u'a mão amiga? Nada disso. O pastor é apenas um "vaso de barro" carregando um riquíssimo tesouro. Às vezes, esse vaso sofre alguma avaria e precisa de reparos. Seria óbvio dizer que Jesus Cristo é o supremo Pastor de todos nós. E nele encontramos, de fato, tudo o de que necessitamos, em todas as áreas da vida. Mas comissionou agentes que pastoreiam, lado a lado com Ele, o Seu rebanho. Como pastores, somos

esses agentes. Como ovelhas, recebemos o cuidado da Associação Ministerial, através dos seus secretários.

Como funciona essa Associação, que atividades desempenha, quais as qualificações de um secretário ministerial? Esses são temas, entre outros, que o Pastor James A. Cress, secretário ministerial da Associação Geral, comenta nesta entrevista concedida a *Ministério*, em Foz do Iguaçu, PR.

Ministério: *Quando e com que propósitos foi criada a Associação Ministerial?*

Pastor James Cress: A Associação Ministerial foi criada em 1923. A verdade é que havia chegado a época de o Pastor Arthur G. Daniells jubilar-se, mas ele não aceitava a idéia de parar. Havia sido presidente da Associação Geral por 21 anos e ainda achava que deveria continuar trabalhando. Então lhe foi designada a tarefa de criar uma Associação Ministerial. Não sabemos exatamente o que os membros da comissão tinham em mente; talvez queriam apenas dar algum trabalho ao Pastor Daniells, mas ele era um homem de grande visão, e ficou muito feliz com a tarefa, entendendo que o objetivo a ser buscado deveria ser o crescimento espiritual e profissional do pastor e sua família. Naquela época, muitos pastores não tinham formação acadêmica. Então o Pastor Daniells começou a indicar alguns livros que eles deveriam ler, encorajando-os a crescer intelectual e espiritualmente. Especial ênfase foi dada também ao evangelismo. Com o crescimento do trabalho, tornou-se necessária a indicação de al-



Pastor James A. Cress

guém que cuidasse só dessa parte evangelística. Então surgiram figuras notáveis como os Pastores Froom, Anderson, Spangler, que, como secretários ministeriais associados, também eram editores da revista *Ministry*. Há cerca de 15 a 20 anos, não estou bem seguro, foi formado o Instituto Bíblico de Pesquisa, à parte da Associação Ministerial. Na verdade, inicialmente eram um só departamento, no qual uma comissão de eruditos cuidava das pesquisas no âmbito teológico. Quando houve a separação, os teólogos continuaram com as pesquisas, e a área prática do trabalho ficou a cargo da Associação Ministerial. Isso tem prós e contras. O lado bom é que a equipe de pesquisadores emprega tempo em escrever e responder interrogações teológicas que precisam de esclarecimento. O lado ruim é que, no dia-a-dia, não temos uma interação entre os pesquisadores e a prática do evangelismo. Mas estamos trabalhando para construir pontes entre os pesquisadores e os da área mais prática.

Ministério: *Além disso, que outras atividades são promovidas pela Associação Ministerial?*

Pastor Cress: Bem, temos a Área Feminina da Associação Ministerial. Afam, e a revista *Ministry*. A Afam tem o objetivo de nutrir a família pastoral, trabalhando especificamente com as esposas e os filhos dos pastores. Também enfatizamos o crescimento da igreja, através do evangelismo público nas grandes cidades ou em lugares não-penetrados pela mensagem adventista; destacando princípios através

dos quais a igreja local pode crescer e se desenvolver. Ao lado disso, está o trabalho feito com anciãos, motivando-os, inspirando-os e capacitando-os com recursos materiais e técnicos para o trabalho. Na Associação Geral, Sharom Cress é a responsável pela Afam, e o Pastor Joel Sarli, brasileiro, cuida do trabalho com os anciãos. A área de crescimento da igreja e evangelismo está sob a coordenação do Pastor Peter Prime, recentemente nomeado. Há também a área de crescimento profissional, dirigida pelo Pastor Nikolaus Sattelmajer. É importante registrar que também nos preocupamos com pastores de outras denominações. Aliás, somos a Organização que mais tem feito no sentido de trabalhar por outros pastores, oferecendo-lhes seminários, literatura, recursos audiovisuais, etc. E eles ficam felizes e nos incentivam a continuar esse trabalho. Desde que começamos essa atividade, vários pastores se tornaram adventistas. A produção de recursos é importante e financeiramente viável. Estamos investindo muito nisso, nos últimos sete anos.

Ministério: *Que pensa sobre a mulher no trabalho ministerial?*

Pastor Cress: Eu não vou falar aqui sobre ordenação de mulher ao ministério pastoral, mas da mulher que serve ao ministério. Historicamente falando isso é parte da Associação Ministerial. Por muitos anos, até especificamente meados dos anos 70, uma das associadas da Associação Ministerial deveria ser uma mulher. Ela daria ênfase para que outras mulheres também servissem ao ministério adventista. As que aceitavam o desafio eram chamadas de instrutoras ou obreiras bíblicas. Hoje, a terminologia mudou. Em alguns lugares elas são chamadas associadas do pastor, e noutros, simplesmente pastoras. Isso não tem nada a ver com o assunto da ordenação; trata-se apenas de uma questão funcional. Na Associação Ministerial, hoje, não temos uma associada com o mesmo propósito. Sharom executa seu trabalho com as esposas e filhos dos pastores. De toda forma, há outra área, o Ministério da Mulher, que incentiva o envolvimento feminino nas atividades da igreja. A mulher pode e deve servir, mesmo sem ordenação.

Ministério: *Que qualidades deve ter um secretário ministerial?*

Pastor Cress: Primeiramente, ele deve ser uma pessoa que ame os pastores. Eles devem sentir que o secretário ministerial é

seu amigo. Não acho que deveria acumular funções administrativas, porque aí ele ficaria dividido, correndo o risco de não dar ao aspecto da assistência ministerial o devido peso. A assistência ao pastor e à sua família é uma atividade prioritária que precisa ficar muito clara ao secretário ministerial. Ele existe para ajudar ao pastor e sua família. Ao dizer isso, estou querendo dizer realmente que, a primeira coisa que o secretário ministerial precisa ter no coração, em relação aos pastores e respectivos familiares, é o amor de Jesus. Ele deve poder dizer aos pastores: "sigam-me, como eu estou seguindo a Cristo". O secretário ministerial deve ser uma pessoa de visão ampla, no sentido de entender o evangelismo público, a arte de dar estudos bíblicos pessoais, fazer visitação pastoral, crescimento de igreja, e saber satisfazer necessidades individuais e familiares. Deveria, portanto, ser uma pessoa de comprovado sucesso em todas as áreas do pastorado que desenvolveu com suas igrejas. Não deveria ocupar essa função por causa dela mesma, ou por ter sido considerado merecedor de alguma "promoção", mas porque foi visto como um indivíduo capaz de ajudar aos demais pastores. Obviamente, também deve ser uma pessoa de vida familiar consistente.

Ministério: *O senhor consegue identificar algum ponto de tensão entre a atividade do secretário ministerial e o exercício da presidência de um Campo? Em caso afirmativo, como ele poderia ser eliminado?*

Pastor Cress: Eu espero que essa questão esteja sendo discutida sempre, nos concílios ministeriais. Às vezes, parece mais fácil tentar ignorar uma questão do que admitir a sua existência. Algumas vezes um presidente pode revelar certo receio, que não precisa existir, da suposta "sombra" que lhe faz um diretor de qualquer departamento. Talvez até seja porque ele não tenha a devida experiência naquela área específica. Mas, repito, esse receio não deve existir. Não é pecado que ele nunca tenha sido diretor de Educação ou de Publicações, por exemplo. Ocorre que ele foi um pastor de sucesso também; e, agora, tem de trabalhar com um secretário ministerial, alguém que está posicionado entre o que ele fez bem, no passado, e o que ele é naquele instante. Entenda bem o que vou dizer, e publique integralmente: não é responsabilidade do presidente ter medo ou amedrontar o secretário ministerial, mas este deve fazer parte da agenda do presidente. Eu até acredito que alguns secretários mi-

nisteriais contribuam para a existência de um ponto de tensão, porque querem preparar o caminho a fim de se tornarem, futuramente, administradores. É responsabilidade do secretário ministerial reduzir essa tensão, porque, de alguma forma, ele representa a administração. Por exemplo, algumas vezes ele pode ser comissionado pela administração para ir na frente, na tentativa de solucionar um problema ministerial. Mas essa é uma autoridade que lhe foi delegada; e deve exercê-la de tal forma que, tanto os pastores como os administradores confiem nele. Ele é o pastor dos pastores incluindo o presidente. Algumas vezes, o secretário ministerial ouvirá queixas de algum pastor a respeito da administração, e vice-versa. Seu papel não é tomar partido nem decretar medidas contra um ou outro. Ele deve ser um pastor, que, com sólida sabedoria espiritual, sugere caminhos de reconciliação.

Ministério: *O evangelismo público, por sua natureza, é também uma atividade de cheia de tensões, que podem vir à tona no secretário ministerial. Não seria melhor que ele fosse apenas secretário ministerial?*

Pastor Cress: Conheço secretários ministeriais de muito sucesso e que também são grandes evangelistas. São estudiosos, fortes no treinamento de pastores e leigos, excelentes pregadores. A palavra que eu mais gostaria de ver entre as duas funções é equilíbrio. Não importa o antecedente que o pastor tenha tido; o meu é evangelismo. Trabalhei mais de dez anos como evangelista, especialmente em cidades grandes. Mas não descuidei a ênfase em áreas importantes como treinamento leigo, dos pastores e assistência às suas famílias. Gosto de fazer evangelismo, mas não posso me limitar ao que mais gosto. É preciso assumir equilibradamente todas as responsabilidades.

Ministério: *Como o senhor, em sua função, vê o ministério adventista, hoje, em face dos desafios do final de um milênio?*

Pastor Cress: Certamente estamos mais próximos do que nunca, da volta de Jesus. Como adventistas, devemos estar mais conscientes disso do que qualquer outro grupo religioso. Mas não precisamos estar contagiados pela data do calendário, que é apenas artificial. Mais que isso, é importante observar o acelerado crescimento da iniquidade, o aumento das calamidades naturais, "guerras e ruínas de guerras", o colapso de valores.

Essas coisas caracterizam esta época como um momento especial e solene da História. Por outro lado, há também impressionante progresso tecnológico e científico que possibilita a divulgação do evangelho a todo o mundo. Gostaríamos, certamente, de estar mais avançados nesse trabalho; mas estamos fazendo a nossa parte. E o Senhor tem aberto portas através das mais surpreendentes maneiras. Ele está guiando o Seu povo, dirige e orienta Seus pastores, usa-os, e continuará dando condições para cumprirmos os desafios do momento.

Ministério: *Quais os problemas mais difíceis que, a seu ver, requerem maior atenção dos pastores?*

Pastor Cress: Acho realmente que eles devem estar despertos contra algumas coisas que podem atrapalhar o desempenho do seu trabalho. Uma delas é a tentativa de fazerem o trabalho sozinhos, promovendo uma separação muito grande entre eles mesmos e os leigos. É como se estivessem num estádio, onde muitas pessoas ficam olhando uns poucos indivíduos participarem do jogo, aplaudindo-os ou criticando-os. São milhares de pessoas que também precisam de algum tipo de exercício. Os pastores precisam tirar os irmãos e oficiais que estão na arquibancada, designar-lhes tarefas, treiná-los para executá-las e colocá-los para trabalhar, especialmente os anciãos. É possível que algum pastor pense que se distribuir tarefas entre os leigos, eles não farão tão bem como ele mesmo. Ou talvez pense num outro tipo de risco, ou seja, o de que os leigos façam melhor o trabalho que o pastor; e isso é um problema para o seu ego. Outro problema que deve captar a atenção do pastor são os ataques diretos ou sutis que Satanás faz. A Sra. White fala que somos o alvo do inimigo. Por isso, o pastor necessita andar em comunhão com o Senhor, de onde tirará forças para enfrentar o adversário, quer ele se apresente feroz ou com subterfúgios. O pastor nunca deveria estar tão cheio de trabalho que não tivesse tempo para falar com Deus através do estudo da Bíblia e da oração. A isso, adicionamos a necessidade de tempo para a família. Nunca é demais repetir esse assunto, pois muitos se descuidam e acabam perdendo a vocação e a família, em busca do êxito aos olhos humanos. As duas coisas, vocação e família, são dons de Deus, sagrados, ao pastor, e devem ser

preservadas. Mediocridade é outro problema contra o qual o pastor deve ficar atento, não deixando de aprimorar seu crescimento pessoal.

Ministério: *Como podemos avaliar corretamente o desempenho de um pastor? Nem todos trabalham sob as mesmas condições favoráveis.*

Pastor Cress: Primeiramente, acho que nunca vamos deixar de contar o número de batismos realizados. Acredito que o ideal seria contar quantos dos membros batizados por um pastor permanecem sendo discípulos, seis meses ou um ano depois. Batismo é um fato importante no trabalho pastoral, é um dos frutos da missão. Se é justa ou não essa maneira de avaliar, eu diria que sim. Mas, não deveria ser usada dentro de um critério único para todos os pastores, quer trabalhem em regiões responsivas ou não. Alguns trabalham em regiões e sob condições mais favoráveis que outros. Então, devemos avaliar cada qual em seu contexto. E também não deveria ser a única medida usada para avaliar o pastor. Há por exemplo, o atendimento ao rebanho, a habilidade como pregador que nutre a congregação, a capacidade de treinar os membros para o serviço, a diligência na visitação e ministração de estudos bíblicos, o envolvimento espiritual dos membros, a condução do serviço de culto e o relacionamento geral com os membros da igreja. Creio que o critério é muito amplo e não pode ficar restrito apenas ao número de batismos. Há lugares onde são batizadas dez mil pessoas ou mais, e um ano depois muitas já deixaram a congregação, ou não se percebe crescimento em outras áreas, como dizimo, por exemplo. É sinal de que algo não está bem, apesar dos números.

Ministério: *Que alvos o senhor, como secretário ministerial da Associação geral, deseja ver alcançados na vida dos pastores?*

Pastor Cress: Quero que os meus colegas, pastores adventistas em todo o mundo, primeiramente amem a Jesus e mantenham com Ele um relacionamento íntimo, de fé, constante, de tal modo que reflitam isso ao rebanho que lhes foi confiado. Estudem a Bíblia e orem em busca do poder do Espírito Santo, de modo que tenham uma mensagem poderosa para transmitir, alimentando e confortando suas congregações. Quero que não descuidem da família, que é sua primeira igreja. Por

fim, desejo que liderem a congregação com amor, sabedoria, paciência, ternura; inspirando, motivando e treinando os anciãos, demais oficiais e leigos para o serviço. Devem ser pastores que não se contentem com o mínimo, mas estejam sempre crescendo intelectual e espiritualmente. Quero insistir em que o pastor deve amar as pessoas, o que é um desafio hoje em dia. Os seminários parecem treinar ministros enfatizando muito o lado intelectual, que é importante, mas não é tudo. O pastor não pode limitar-se apenas a esse aspecto. Há alguns, infelizmente, enredados por essa contemplação escolástica, distantes do dia-a-dia do povo. Mas nós os treinamos para isso. Estudamos a Bíblia com eles, teoricamente, e depois dizemos: agora vão e amem as pessoas. Precisamos, antes, acostumá-los a interagir com elas. Que tenham o seu desenvolvimento intelectual, mas também sociológico. As pessoas precisam e querem sentir o pastor perto delas, tratando-as como indivíduos, seres humanos; atentos às suas necessidades, interessados e empenhados em satisfazê-las. Elas querem e precisam sentir a empatia do pastor em relação a elas. O progresso tecnológico mudou muita coisa em nosso mundo, mas o coração humano ainda é o mesmo.

Ministério: *Gostaria de dar uma mensagem especial aos pastores adventistas do Brasil?*

Pastor Cress: Quero dizer a cada pastor adventista brasileiro o seguinte: a melhor oportunidade que você já teve na vida é o trabalho que está realizando agora, no local onde está. Não gaste tempo pensando no que já foi, embora não deva ser ingrato com um passado de vitórias, nem no que poderá vir a ser no futuro. Isso pertence a Deus. Se você não está feliz com o trabalho que realiza atualmente, no lugar onde está, certamente não se encontra qualificado para o que imagina que poderá fazer no futuro. A Sra. White afirma que existem milhares de pessoas no limiar do reino, esperando um convite para entrar nele. Algumas dessas pessoas estão aí, ao seu redor, no seu campo de ação, ao alcance da sua voz e do seu labor. É por isso que eu acho que a maior oportunidade que temos é o trabalho que realizamos no presente. Vamos aproveitá-la da melhor maneira, em nome de Deus. ☆

Mudança sem traumas

MARY BARRET

*Esposa de pastor e escritora,
reside em Gloucestershire,
Reino Unido*



Divulgação

Meu esposo tomou-me em seus braços, enquanto eu soluçava: "quero voltar", gritei. "Quero voltar para Cambridge!"

Nós havíamos acabado de ser transferidos de Cambridge para Cheltenham. Deixar o lugar onde tínhamos vivido durante seis anos foi muito duro para mim. Quão doloroso foi deixar alguns familiares, amigos e membros da igreja. Enquanto Rima, nossa filha primogênita, e eu nos dirigíamos para a estrada de acesso à cidade pela última vez, senti uma desesperada vontade de frear o carro e exclamar: "Não, eu não estou mudando de cidade!". Mas a realidade era outra.

Mudança. Mesmo sob as melhores circunstâncias, essa experiência não é apenas estressante, mas freqüentemente fere o coração. E, no entanto, faz parte da vida pastoral. Que podemos fazer então para minimizar a convulsão emocional que sentimos quando temos de dizer "adeus" a uma cidade e dizer "olá" a uma outra, estranha, enigmática?

Considere as sugestões que seguem.

Relacionamento com Deus

Para começar, não importa quão banal ou dogmático isto seja considerado, para sobreviver a uma mudança, é necessário que se mantenha diariamente um sólido relacionamento com Deus. Quaisquer que sejam as provas decorrentes dessa transição, um caminhar íntimo com Jesus, no qual nos mantemos sempre em atitude de oração, gratidão, submissão e arrependimento, pode fazer a diferença.

Nossa experiência de mudanças ensinou-me algumas coisas inestimáveis a res-

peito de minha amizade com Deus. O lar não é simplesmente uma casa em algum lugar. Lar é onde colocamos o nosso coração; e eu escolhi colocar meu coração onde o Senhor deseja que eu esteja. A segurança de que nossa comunhão com Deus é consistente nos ajuda a solidificar o fundamento sobre o qual necessitamos construir novas experiências.

Manutenção de rotina

Meu esposo gosta muito de correr. Antes mesmo de nos mudarmos, ele já se associara a um clube de corredores na nova cidade. A princípio achei aquilo uma loucura; mas agora vejo a sabedoria de sua decisão. Quatro semanas depois de nos haveremos transferido, ele começou a fazer *jogging*, regularmente, com seus novos conhecidos. A estabilidade de continuar fazendo alguma coisa de que realmente se gosta ajuda a minimizar a instabilidade e perda de rotina que acompanham cada mudança.

Descobri que até fazer compras na mesma rede de lojas pode dar um senso de constância. Tentar encontrar um novo médico, dentista, ou professor de música pode ser algo muito frustrante adicionado ao sofrimento da mudança. Minha sugestão é no sentido de se manter, tanto quanto possível, as coisas que são familiares, antes de lidar com aquelas mais estranhas. Uma esposa de pastor, que precisava de exercícios físicos específicos, disse que a parte mais difícil por ocasião de uma determinada mudança foi encontrar uma piscina igual à que ela freqüentava na cidade anterior. Enquanto não re-



solveu esse problema, ela sentiu-se deslocada.

Abertura a novas possibilidades

Toda mudança oferece novas oportunidades e desafios excitantes. É uma chance para fazer novos amigos na igreja e levar novos conhecidos e vizinhos a Cristo. Uma nova igreja pode necessitar de novas idéias, diferentes maneiras de fazer as coisas. Isso pode ajudar-nos a estar em constante busca de crescimento, renovando-nos em nossa abordagem ministerial.

Certo pastor e sua esposa descobriram que em cada igreja onde chegavam necessitavam fazer adaptações em seu programa de nutrir espiritualmente a comunidade e de evangelização. Em lugar de se sentirem incomodados com essa mudança, eles ficavam fascinados ao verem como Deus tomava seus projetos e os usava com êxito, diferentemente, em várias congregações. É verdade que, a princípio, eles experimentaram certa frustração ao terem de arquivar determinados programas, sabendo que nunca mais poderiam utilizá-los novamente, mas foram hábeis e humildes o suficiente para desenvolver um ministério que estava fundamentado na direção de Deus; não em seus planos.

Por mais que meu esposo e eu fiquemos preocupados, nossas mudanças de distrito têm reavivado nosso desejo de depender de Deus cada vez mais. Oramos juntos, tão regularmente quanto nos é possível, e fazemos um consciencioso esforço para encaminhar nossas congrega-

ções a Deus. Quando Ele não responde nossas orações da maneira como gostaríamos, confiamos em Sua direção e O louvamos por tudo.

Ajustes

Conseguir deixar a casa em ordem, depois de cada mudança, pode ser difícil. Tim e Sara, dois amigos nossos, tinham tanta coisa para fazer e organizar, que finalmente resolveram pedir socorro aos pais de Sara para que fossem ajudar. Eles ficaram lá durante uma semana. Dessa forma, o casal pôde ficar livre para tratar de outros assuntos mais confortavelmente, e agilizar o início dos trabalhos na igreja. Não receie pedir ajuda nessa ocasião, caso sinta que precisa disso. Ela pode fazer uma grande diferença.

Outra esposa de pastor que conheço ajustou seu novo lar pastoral simplesmente usando as mesmas coisas da sua antiga morada. Ela atualizou a nova residência com novos acessórios de baixo custo, o que lhe deu um senso de pertinência e segurança; além do frescor de um novo começo.

Com freqüência, uma das melhores coisas que você pode fazer depois da mudança, é esforçar-se para se tornar parte da nova comunidade. Separe tempo para freqüentar algum clube ou instituição comunitária, faça um bolo para a vizinha. O pastor pode sair um pouco e conversar com um vizinho que esteja cuidando do jardim ou lavando o carro. Qualquer uma dessas sugestões pode ajudar você no processo de adaptação a um novo ambiente.

Consideração pelos filhos

Qualquer que seja a turbulência que o casal pastoral enfrente numa experiência de mudança, nada é comparável ao trauma vivido pelos filhos. Por exemplo, nós estamos em nosso novo endereço há pouco mais de um ano. Nossas filhas ainda lembram com saudade dos seus velhos amiguinhos, da casa antiga e das coisas que lhes eram familiares na outra cidade. Às vezes, sua insinuação para voltar a viver ali quase nos deixa com um sentimento de culpa.

Ouçá seus filhos. Não meça esforços para ajudá-los a adaptar-se à nova situação. Crie oportunidades para que mantenham contato com os velhos amigos. Gaste tempo com eles, descobrindo lugares interessantes, divertidos e bonitos, em sua nova área de trabalho. Ao mesmo tempo encoraje-os a fazer novas amizades. Seja paciente enquanto eles estabelecem novas rotinas. Mantenha contato com outras famílias pastorais vizinhas, que tenham filhos na mesma idade, dando-lhes a chance de partilhar alegrias e problemas comuns.

Submissão a Deus

Ajustar-se a um novo papel em uma nova igreja não é coisa fácil nem para o pastor nem para sua família. Assim como não é fácil também para a igreja ajustar-se a um novo pastor. Então, procure conhecer os membros, o que os motiva, quais são as suas necessidades. Apresente suas melhores idéias, como você planeja trabalhar para Deus em sua nova igreja e busque entender a maneira pela qual Ele dirigirá você. Seja dependente dEle e deixe-O impressioná-lo quanto às novas maneiras de realizar as coisas, à nova maneira de evangelizar, pregar, liderar, etc.

Pode ser que o plano que funcionou bem em sua antiga igreja mostre-se um fiasco no novo distrito. Mas quando nós verdadeiramente nos entregamos a Deus em nosso ministério, Ele pode dar-nos a satisfação de servi-Lo, mesmo que as circunstâncias sejam contrárias.

Mudanças fazem parte do ministério que nós realizamos. Nem sempre são bem-vindas, mas nada pode ser feito contra elas. Se vamos ser transferidos de um continente para outro, de um país para outro, de um Campo ou instituição, de um distrito, de uma cidade, não importa. Tudo o que podemos fazer, pela graça de Deus, é tentar tornar a transição o mais suave e menos traumática possível. ☆

“Não passará esta geração”

HANS K. LaRONDELLE

Th.D., professor emérito do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos



Divulgado

Depois de predizer uma considerável perda de fé e grande aflição entre Seus seguidores, Jesus anunciou que eventos cósmicos poderiam ter lugar, com efeitos tão dramáticos que “as potências do céu serão abaladas” (Mat. 24:29; Mar. 13:24; Luc. 21:25 e 26). Somente então, “aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mat. 24:30). Jesus queria que Seus seguidores procurassem esse “sinal do Filho do homem”.

Então lhes contou uma parábola: “Apredei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mat. 24:32-34).

Teólogos com uma forte tendência liberal têm concluído que nessas palavras Cristo anunciou Seu retorno durante o tempo de Sua geração contemporânea, e que a *parousia* poderia realmente acontecer imediatamente após a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Mas a História mostrou, eles argumentam, que Jesus simplesmente enganou-Se. É verdadeira tal afirmação?

Para compreender adequadamente a declaração de Cristo, devemos considerar duas expressões cruciais: “esta geração” e “todas estas coisas”. Jesus claramente identificou “esta geração” não com o cumprimento de alguns ou muitos sinais, mas com o cumprimento de “todas estas coisas”, isto é, todos os sinais. Isso nem

sempre é reconhecido, de modo que algumas pessoas têm nomeado prematuramente a “última geração”.

Significado de “todas”

O fato de os ramos da figueira serem tenros e começarem a brotar não significa a chegada do verão, mas que ele está próximo. Semelhantemente, quando “todas estas coisas” forem experimentadas, incluindo os eventos cósmicos no céu e na Terra, então, e somente então, a *parousia* estará próxima ou iminente. Essa compreensão é confirmada por Lucas, ao mencionar “sinais no céu, na Lua e nas estrelas”, abalos sísmicos no mar, e resume: “os poderes dos céus serão abalados” (Luc. 21:25 e 26). Depois de referir-se à parábola da figueira, ele repete a mesma idéia: “Assim também, quando virdes acontecerem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus” (Luc. 21:31). Está claro que “estas coisas” não incluem a *parousia*. Não faz sentido dizer: “quando virdes o Filho do homem vindo em glória, sabeis que Ele está próximo.”

A versão de Mateus também assinala que todos os eventos cósmicos devem ser percebidos, antes de podermos dizer que a *parousia* está próxima e é chegada a última geração: “Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mat. 24:33 e 34).

Mateus menciona o abalo das potências celestiais ou convulsões cósmicas como o último sinal antes da vinda de Cristo (24:29). Somente quando todos esses sinais cósmicos tiverem ocorrido, e não ape-

nas a chuva de meteoros de 1833, podemos saber que chegou a última geração. Arthur Maxwell concluiu, em 1952, durante o Seminário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, que se o fenômeno cósmico do ano 1833 fosse entendido como um sinal de proximidade da consumação final, “seria um absurdo sugerir que centenas de anos ainda pudessem transcorrer antes do aparecimento do Senhor. Tão prolongada demora poderia torná-lo insignificante”.¹

William H. Branson, presidente da Associação Geral, declarou na mesma ocasião: “Em lugar algum nós encontramos uma declaração de Jesus no sentido de que aqueles que testemunharam a queda de estrelas viveriam até a Sua segunda vinda. Ele diz àqueles que constituirão a última geração ‘quando verdes todas estas coisas...’; e eu pergunto: qual geração verá todas as coisas se cumprirem? Essa é a grande questão.”²

Mas a pergunta é respondida quando relacionamos a declaração de Jesus sobre “esta geração” ao último sinal do abalo dos “poderes dos céus”, e relacionamos o fim aos eventos cósmicos que ocorrerão durante as sete últimas pragas. De fato, há um consenso geral segundo o qual os sinais no Sol, na Lua e nas estrelas estão resumidos na frase “e os poderes dos céus serão abalados” (Mat. 24:29). Esse conceito é ensinado por modernos eruditos em o Novo Testamento.³

Ki K. Kim, investigando os sinais cósmicos à luz das profecias do Antigo Testamento, sobre o “dia de Jeová”, diz: “A principal preocupação de Mateus não é explicar a identidade dos sinais ou indicar o tempo de seu cumprimento, mas pintar a vinda do Filho do homem em brilhantes cores e mover sua audiência à glória da *parousia*. Não é intenção estabelecer tempo.”⁴

Perspectiva tipológica

O que Jesus queria dizer com a expressão “esta geração” (Mat. 24:34)? Muitos comentaristas acreditam que Ele Se referia aos Seus contemporâneos. E utilizam a declaração similar de Cristo, em Mat. 23:36: “Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.” Mas isso não prova uma identificação total, porque o contexto difere. No capítulo 23, Jesus fala a respeito da iminente condenação de Jerusalém. No capítulo 24, Ele fala sobre Sua segunda vinda em glória. Os contextos fazem a diferença na aplicação da frase.

Quão longo é o período em que viveria aquela geração Jesus não indicou. Ele fez

da presença dos exércitos romanos perto de Jerusalém o sinal climático para Seus contemporâneos, um sinal que os apóstolos podiam ver por si mesmos. Então podiam fugir a salvo para os montes. Àquela geração descende, Jesus fez um surpreendente anúncio: “Declaro-vos, pois, que desde agora já não Me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mat. 23:39). Os judeus, vivos ou mortos, estavam assim denunciados ante Sua futura presença como juiz (Mat. 25:31-46).

A mesma verdade foi dita ao sumo sacerdote Caifás: “...Eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mat. 26:64). Tal predição requer a ressurreição de Caifás no segundo advento de Cristo. O livro de Apocalipse fala disso, ao afirmar que Ele “vem com as nuvens, e todo olho O verá, até quantos O traspassaram. E todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele. Certamente. Amem” (Apoc. 1:7).

A expressão “não passará esta geração” é aplicada por Cristo a todos os Seus principais oponentes em todos os tempos. Eles serão ressuscitados na Sua vinda e O enfrentarão como juiz. O ponto focal de Jesus não é a extensão cronológica da vida, mas a certeza de Sua vinda como juiz para Seus contemporâneos e para todos os que “O traspassaram” com sua rejeição.

Jesus não está dizendo que retornaria no tempo de Sua geração. A respeito da *parousia* Ele declara: “Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no Céu, nem o Filho, senão somente o Pai. Estai de sobreaviso, vigiai [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo” (Mar. 13:32 e 33). Isto responde à segunda questão dos discípulos sobre o tempo de Sua vinda (Mat. 24:3).

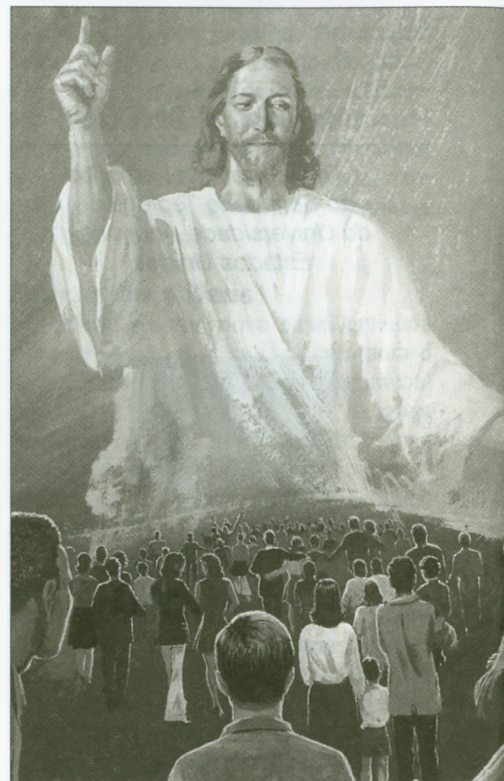
Consoante à destruição de Jerusalém e seu templo, Jesus respondeu que isso teria lugar nos dias daquela geração (Mat. 23:36). Ela estava prestes a experimentar os dias “de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito” (Luc. 21:22). Esse julgamento serve ao mesmo tempo como um tipo profético do último julgamento, quando “todos os povos se lamentarão” por causa de Cristo (Mat. 24:30). A geração contemporânea de Cristo, desse modo, funciona como um tipo da última geração que rejeitaria a Sua messianidade.

A difícil experiência

Cristo olhou além, para a geração que viveria no fim do tempo. O termo “fim”

aparece repetidas vezes no livro de Daniel e é usado para o término da Era Cristã (Mat. 10:22; 13:39; 24:3, 13 e 14; 28:20). A última geração, nos dias da Igreja, experimentar a ira final de Deus nas sete pragas, que culminarão com o abalo do céu e da Terra (Apoc. 16:10, 17-21).

O efeito desses terríficos eventos no mundo é descrito no sexto selo: “Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O Sol se tornou negro como saco de crina, a Lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela Terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos



os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares. Os reis da Terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: caí sobre nós, e escondi-nos da face d'Aqule que Se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o Grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?” (Apoc. 6:12-17)

Evidentemente, o sexto selo descreve a última geração e Sua experiência de abalo no céu e Terra. Essa geração sozinha verá “todas estas coisas” que Cristo predisse. Será a geração que vive na época das

sete pragas sobre o mundo babilônico, no momento em que for decretada a destruição dos seguidores de Cristo (Apoc. 17:14; 19:11-21).

Conotação teológica

Alguns propõem que a frase “esta geração” refere-se a todos os que se tornaram em algum tempo “geração adúltera e perversa” ou “geração descrente”, pela rejeição da mensagem do evangelho. C. Mervyn Maxwell prefere essa interpretação, porque a compreensão temporal de geração, como a última, desde 1833, não se encaixa com a tradição adventista: “Ainda mais difícil é localizar qualquer pessoa ainda viva, que observou o astro-



nômico sinal da segunda vinda, ocorrido durante o final do século passado.”⁵

Cristo realmente equipara a frase “esta geração” com um povo descrente (Mar. 9:19; Mat. 12:39; 17:17). Ele conectou a fidelidade de Sua própria geração diretamente com a cena do julgamento final, quando afirmou: “Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão...” (Mat. 12:41). “Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de Mim e das Minhas palavras, também o Filho do homem Se envergonhará dele, quando vier na glória de Seu Pai e com os santos anjos” (Mar. 8:38).

Assim Jesus usou a frase “esta geração” para designar a geração que tem sido confrontada com Sua verdade e tem, em sua maioria, rejeitado Seu senhorio. As palavras subsequentes apontam para a certeza de Seu retorno como juiz: “Passará o céu e a Terra, porém as Minhas palavras não passarão” (Mar. 13:31; Mat. 24:35; Luc. 21:33).

O fim do tempo

Há, porventura, qualquer indicação que Jesus especificamente mentalizava geração final quando disse “não passará esta geração”? Algumas referências no discurso do Olivete apontam para a geração final:

Em primeiro lugar, a declaração de que “nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais” (Mat. 24:21) tem um som específico de final de tempo. Essa frase é igual à que se encontra em Daniel 12:1, descritiva da última geração de santos. Igualmente significativa é a predição de Cristo: “Logo em seguida à tribulação daqueles dias [de Dan. 12:1], o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (Mat. 24:29).

Essa definição cronológica de “todas estas coisas” nos céus, “logo em seguida à tribulação”, podem encontrar seu completo cumprimento na geração que experimenta a final tribulação, ou angústia de Jacó (Jer. 30:5-7; Gên. 32:23-26), de Daniel 12:1. Isso acontecerá durante as sete últimas pragas causadoras das convulsões cósmicas e introduz diretamente o segundo advento (Apoc. 16:10, 17-21).

Em segundo lugar, o evangelho de Lucas apresenta os sinais cósmicos como um processo de inquebrantável unidade que introduz o retorno de Cristo para a última geração: “Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas; sobre a Terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. Então, se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima” (Luc. 21:25-28).

A geração que testemunha todas estas coisas é aquela que estará vivendo durante as sete últimas pragas (Apoc. 16:10, 17-21) e certamente não passará antes de

contemplar o advento de Cristo como juiz e libertador do Seu povo.

Finalmente, olhando a mais ampla unidade textual de Mateus 23 a 25, alguém pode discernir uma extensa estrutura (23:1-24 paralelo a 24:15-25:46), com a frase “esta geração” ocorrendo duas vezes (23:36 e 24:34). Discutindo essa composição literária, S. J. Kidder estabelece: “A primeira geração testemunhou os sinais na Terra, a segunda testemunhou os sinais nos céus.”⁶ Isso significa que tal como a geração descrente do tempo de Jesus viu o sinal da destruição de Jerusalém (23:36), o mesmo acontecerá com a geração descrente do tempo do fim, em relação aos sinais da vinda de Cristo nas nuvens dos céus (Mat. 24:34).

Cristo colocou todos os Seus seguidores sob o dever de observar o cumprimento dos sinais dos tempos, especialmente o supremo sinal da vinda do Filho do homem numa nuvem de glória. Eles jamais deveriam pensar que Seu retorno esteja longe, porque ninguém sabe o tempo exato em que se dará. Ele virá inesperada e repentinamente (Mar. 13:32; Mat. 24:36).

Em todas as gerações os discípulos de Cristo deveriam cultivar uma atitude expectante em relação ao futuro. “O que, porém, vos digo digo a todos: Vigiai!” (Mar. 13:37). Os cristãos do primeiro século viram alguns dos sinais da consumação de todas as coisas diante dos seus olhos. Portanto eles anteciparam o fim com intensificada esperança. Muitos crentes durante a Idade Média experimentaram os sinais preditos de apostasia, angústia e terrível perseguição. Durante o despertar adventista no século 19, muitos viram as convulsões naturais na Terra e nos céus, como precursores da segunda vinda. Em vista disso, precisamos estar alertas hoje, e buscar uma melhor compreensão das profecias sobre a volta de Jesus. Permita Deus, sejamos a geração que verá todas estas coisas cumpridas. ☆

Referências:

- ¹ *Our Firm Foundation*, Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1953, 2:226.
- ² *Ibid.*, 2:701.
- ³ Harold E. Fagal, in *The Advent Hope in Scripture and History*, V. N. Olsen, ed., Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1987, 52.
- ⁴ Ki K. Kim, *The Signs of the Parousia*, Korean Sahmyook University, Seul, Coreia, 1994, vol. 3, pág. 390.
- ⁵ C. Mervyn Maxwell, *God Cares*, Nampa Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1985, 2:44.
- ⁶ S. J. Skidder, “This Generation” in *Matthew 24:34*, *Andrews University Seminary Studies* 21, n° 3, 1983, pág. 205.

A vantagem adventista

GARY E. FRASER

Ph.D., professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Loma Linda, Estados Unidos



Divulgação

Ellen G. White e outros pioneiros da Igreja Adventista demonstraram grande interesse na mensagem de temperança e saúde, desde os seus primórdios.

Na verdade, a Sra. White teve sua primeira visão sobre saúde em 1848, na qual lhe foi mostrado que “não apenas o tabaco era pernicioso, mas também que o chá e o café eram nocivos”. Entretanto, não foi até o dia 6 de junho de 1863, em Otsego, Michigan, que ela teve sua primeira grande visão sobre o assunto. Isso aconteceu menos de três semanas depois de ser adotada a primeira Constituição da Associação Geral e da eleição de seus primeiros oficiais.

O foco da visão foi a medicina preventiva pessoal e a melhora da saúde. O caminho recomendado foi a adoção de um estilo de vida natural. Por volta de 1866, *The Health Reformer* começou a ser impresso, assim como foi aberto o Instituto Ocidental de Reforma de Saúde, em Battle Creek, Michigan. Esse instituto foi o precursor do grande Sanatório Médico e Cirúrgico, instalado em 1878 sob a direção do talentoso jovem médico, Dr. John Harvey Kellogg.

Hoje, a Igreja possui uma rede mundial de hospitais e clínicas de alta qualidade, e uma ênfase especial é dada sobre os esforços evangelísticos pessoais centralizados na saúde, tais como cursos de culinária vegetariana, seminários sobre estresse, cursos para deixar de fumar e beber, além de atendimento médico e odontológico em clínicas móveis.

Somados a isso, estudos científicos a respeito das crenças e práticas de saúde dos adventistas do sétimo dia têm suscitado respeito e consideração pela Igreja, em certos círculos onde outros aspectos

do adventismo são considerados pouco ou nada atrativos. Importantes estudos e pesquisas têm desempenhado um notável papel em demonstrar à comunidade científica que uma dieta apropriada, particularmente uma dieta vegetariana, e o estilo de vida que nós sempre acreditamos ser saudável, realmente promovem a boa saúde. Nossa visão a respeito de saúde e dieta foi considerada por muito tempo mera declaração de visionários do século 19. Mas hoje a integração entre religião e saúde é uma realidade contínua e crescente, reconhecida por eruditos não adventistas.

As conexões

Possivelmente, a primeira e mais óbvia conexão entre religião e saúde compreende o conceito de um Deus Criador. A maravilhosa arte criativa de Deus, ao moldar o organismo humano, com seus magníficos e profundos componentes morais, sociais, psicológicos, bioquímicos e fisiológicos, merece o mais intenso cuidado da nossa parte. Agindo de maneira inteligente, ao aceitar o conceito de criação, o indivíduo poderá também ser levado à adoção de uma dieta vegetariana, não apenas em respeito à vida dos animais, mas também em consideração a um mais prudente uso dos recursos da terra.

A segunda conexão entre religião e saúde relaciona-se ao conceito da existência de um Deus amoroso. Esse Deus de amor leva-nos à compreensão de que Ele tem interesse na preservação da saúde de Suas criaturas, providenciando-lhes orientação e guia, princípios de promoção da boa saúde e de uma extensa vida

produtiva. Mas os adventistas também possuem revelação adicional na área do viver saudável, nos escritos de Ellen White. Essas observações são particularmente bem apropriadas na prevenção de doenças que fazem parte de uma cultura sofisticada e rica.

Um estilo de vida caracterizado por uma pesada dieta cárnea e pouco exercício provavelmente não fosse problema nos tempos bíblicos. Porém, hoje, o extremo a que são levados tais maus hábitos, em sociedades opulentas e industrializadas, requer de nós maior atenção para a questão do estilo de vida e seu relacionamento com a fé.

Finalmente, surge uma pergunta intrigante: é o viver saudável parte do processo de salvação? O argumento de Paulo no sentido de que nossos corpos são templos do Espírito Santo pressupõe, primeiramente, saudável comportamento moral; mas também implica o chamado evangélico para preservação desse templo em boas condições físicas. Porventura é possível que a maneira como nos alimentamos, o número de horas que dormimos, e como nos exercitamos ou não, possam afetar nosso pensamento e percepção espiritual? Nisso devemos pensar.

Necessidade de apoio

A ênfase adventista na questão de saúde pessoal está experimentando tempos revoltos. Nossa mensagem de saúde original era uma mistura de medidas terapêuticas para quem já estivesse doente, e incentivo à preferencial adoção de um estilo de vida correto, preventivo contra enfermidades. A bem da verdade, nossa ênfase tradicional sobre o viver saudável não foi completamente abandonada. O que de fato aconteceu foi uma redução do apoio e ênfase corporativos. Sendo assim, surge uma inquietação: até quando nossa mensagem de saúde pode ser sustentada?

Estamos nós tão envolvidos como poderíamos e deveríamos estar no trabalho de promover e divulgar os princípios de saúde, segundo nossa crença, entre a comunidade? Quanto tempo faz desde que você, pastor, ouviu ou pregou um sermão sobre a importância da saúde pessoal? Em alguns Campos, o Departamento de Saúde e Temperança parece ser apenas um apêndice, um contrapeso entre outras atividades dos secretários departamentais. No entanto, é assunto que requer efetiva liderança e atividade educativa. Porventura, no passado os dias de glória do ensino e prática da mensagem de saúde adventista?

Os administradores da Igreja têm muitas prioridades e pressões. Por essa razão muitas vezes eles caem na tentação de não ver o ministério da saúde como um assunto importante e urgente. Em alguns casos, grupos de pensadores adventistas que enfatizam a mensagem de saúde são vistos como ultraconservadores, com idéias que vão contra o bom senso e os modernos conhecimentos da medicina. Até mesmo são vistos como descontextualizando os escritos de Ellen White.

Alguns dos nossos teólogos também não parecem dar a devida prioridade à saúde, como uma parte de nosso sistema de crenças. Embora muitos estejam pessoalmente comprometidos com um estilo de vida saudável, saúde como um princípio de fé, para eles, parece ser algo como um embaraço, algumas vezes apresentado como uma marca do nosso passado. Conseqüentemente, a teologia da saúde é pobremente desenvolvida. Ao lado de tudo isso, há o estigma do legalismo agregado aos adventistas que insistem em praticar e propagar uma efetiva mensagem de saúde.

Metas contemporâneas

Tem nosso modelo promocional da saúde, dentro e fora da igreja, alcançado menos sucesso do que temos esperado? Enquanto a prevenção de doenças desperta o interesse das pessoas, estudos sobre os efeitos positivos do estilo de vida adventista do sétimo dia indicam êxito impressionante. Publicações respeitadas como o *American Journal of Epidemiology* 112, de 1980, às páginas 196-313, por exemplo, tratam do assunto. Também temos alcançado impressionáveis resultados no emprego da nossa mensagem de saúde como uma "chave" que abre portas para o evangelismo.

Pregadores, evangelistas ou pastores de igrejas, e instrutores voluntários podem causar um significativo impacto espiritual e físico em pessoas interessadas, ou carentes, através de cuidadosa aplicação dos princípios de saúde. Todavia, para que sejam mais efetivos e tenham maior sucesso, tais cuidados preventivos necessitam ser ministrados num contexto de amor e compaixão, sem qualquer imposição, ou atitude preconceituosa.

Alguns evangelistas suplementam as apresentações dos temas bíblicos com assuntos de saúde. É sem dúvida uma boa prática, pois muitos que assistem às reuniões podem ser atraídos por esses assuntos, ainda que os temas bíblicos lhes causem inicialmente alguma tensão. E mesmo

quando a Bíblia for plenamente aceita, eles terão o lucro da aprendizagem sobre saúde, com a solução de muitos problemas pessoais, mesmo que isso represente significativas mudanças. Em qualquer caso, os tópicos sobre saúde realçam o compromisso dos convertidos com a Igreja.

Existe um item crucial para dar continuidade a um forte ministério de saúde, que tem sido descuidado: a nutrição dos membros antigos. Se cremos que a mensagem de saúde é valiosa, ela deve ser preservada na igreja. Mas isso não acontecerá a menos que haja um sério comprometimento de interesse e recursos das igrejas local e institucional. Os programas direcionados aos membros das igrejas devem ser de alta qualidade a fim de que possam beneficiá-los e, através deles, a comunidade.

Embora disponhamos dos excelentes escritos da Sra. Ellen White, sobre o tema da saúde, devemos lembrar que o material a ser apresentado em qualquer ocasião necessita ser atualizado de tal modo que reflita o atual nível de conhecimento e descobertas no ramo. Os ouvintes e membros da igreja serão menos propensos a agir da maneira "já ouvi muito isso antes", se tivermos o cuidado de contextualizar o assunto, de acordo com as informações correntes.

Mesmo assim, a repetição do material básico em ocasiões convenientes é valiosa, a título de reforço do ensinamento. O assunto da saúde está presente em todos os meios de comunicação falada e escrita, salas de aulas e mesas de debates. Por isso mesmo, o descuido em não adequá-lo a certos padrões de informação e apresentação acabará refletindo muito negativamente na igreja.

Sem o elo motivacional entre saúde e fé, muitos não adventistas encontrarão sérias dificuldades para fazer uma transição dos antigos hábitos para um estilo de vida saudável, e isso apesar da profusão de evidências científicas e material educativo e informativo favoráveis. Isso também representa um perigo para os antigos adventistas. Imaginemos que a ênfase na questão da saúde continue perdendo sua conexão com os assuntos de fé ou sofra reduzidas abordagens e visibilidade na Igreja, além de menor evidência de apoio por parte da liderança. Por que os membros não experimentaríamos a mesma dificuldade que os de fora, no processo de modificar efetivamente os velhos e manter os novos hábitos de saúde?

Por conseguinte, há uma necessidade crítica de incorporarmos continuamente o viver saudável como parte de nossa fé e

prática religiosa. Aliás a base da mensagem de saúde é bíblica, originando-se na criação do homem e continuando nos dias do Novo Testamento. Ao lado disso, temos a ênfase dos escritos de Ellen White. Pesquisas atualizadas indicam evidências crescentes de que a fé em Deus contribui para melhor relacionamento do ser humano consigo mesmo, com outras pessoas e, dessa forma, leva ao gozo de melhor saúde.

Processo global

A questão crucial é que devemos acei-

tar plenamente e não perder de vista o fato que o processo redentivo do evangelho inclui o homem todo: corpo, mente e espírito. Pode a fé em Deus contribuir para que uma pessoa experimente melhores relações com seus semelhantes, consigo mesma, aumentando assim a possibilidade de ter melhor saúde? A resposta é sim.

Fundamentada sobre a revelação de princípios e evidências científicas, a ênfase adventista relacionada à saúde tem sido, por muitos anos, uma força para o

bem em seu trabalho na comunidade interna e externa. Nossa mensagem de saúde realmente nos guiará a uma experiência de melhor saúde, para a honra e glória de Deus. Evidentemente não devemos usar esse assunto como "as obras do estilo de vida", como um teste de espiritualidade, ou como uma base de argumento crítico contra nossos irmãos crentes (ver Rom. 14). Além de prover boa saúde, o estilo de vida pode ser valioso como uma outra disciplina para ajudar-nos no caminho do crescimento espiritual. ☆

Para refletir

"Deus deseja que alcancemos a norma de perfeição que o dom de Cristo nos tornou possível. Ele nos convida a fazer nossa escolha do direito, para nos ligarmos com os instrumentos celestes, adotarmos princípios que hão de restaurar em nós a imagem divina. Na palavra escrita e no grande livro da Natureza, Ele revelou os princípios da vida. É nossa obra obter conhecimento destes princípios e, pela obediência, cooperar com Ele na restauração da saúde do corpo bem como da alma." – *A Ciência do Bom Viver*, págs. 114 e 115.

"Tende cuidado para que por vosso exemplo não ponhais outras almas em perigo. É coisa terrível perderdes a vossa própria alma; ainda mais terrível, porém, é seguides uma conduta que motive a perda de outras almas. É um terrível pensamento que vossa influência se torne um cheiro de morte para morte e, não obstante, isto é possível. Com que zelo santo, pois, não devemos manter em guarda nossos pensamentos, nossas palavras, nossos hábitos, nossas disposições e nosso caráter! Deus requer santidade mais profunda e pessoal de nossa parte. Somente revelando Seu caráter podemos cooperar com Ele na obra de salvar almas." – *Conselhos sobre Saúde*, pág. 559.

"O Senhor entregou ao Seu povo uma mensagem sobre reforma de saúde. Esta luz tem estado a brilhar no seu caminho por trinta anos; e o Senhor não pode sustentar os Seus servos numa conduta que a contrarie. Ele Se desgosta quando os Seus servos agem em oposição à mensagem sobre este ponto, mensagem que Ele deseja dêem a outros. Pode Ele mostrar-Se satisfeito quando metade dos obreiros

que trabalham num campo, ensinam que os princípios da reforma de saúde estão intimamente ligados à mensagem do terceiro anjo como o braço está ligado ao corpo, enquanto os Seus coobreiros, pela prática, ensinam princípios inteiramente opostos? Isto é referido como pecado à vista de Deus. ..." – *Idem*, pág. 562.

"O corpo é o único agente pelo qual a mente e a alma se desenvolvem para a edificação do caráter. Daí o adversário das almas dirigir suas tentações para o enfraquecimento e degradação das faculdades físicas. Seu êxito neste ponto importa na entrega de todo o corpo ao mal. As tendências de nossa natureza física, a menos que estejam sob o domínio de um poder mais alto, hão de operar por certo ruína e morte." – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 130.

"À parte do poder divino, nenhuma reforma genuína pode ser efetuada. As barreiras humanas erguidas contra as tendências naturais e cultivadas, não são mais que bancos de areia contra uma torrente. Enquanto a vida de Cristo não se torna um poder vitalizante em nossa vida, não nos é possível resistir às tentações que nos assaltam interior e exteriormente." – *Idem, idem*.

"Os homens precisam saber que as bênçãos da obediência, em sua plenitude, eles só podem fruir à medida que receberem a graça de Cristo. É Sua graça que dá ao homem poder para obedecer às leis de Deus. É isto que o habilita a quebrar as cadeias do mau hábito. Este é o único poder que o pode tornar e conservar firme no caminho do direito." – *Idem*, pág. 115.

Cristo, a personificação do sábado

WILLMORE D. EVA

Editor da revista Ministry



Divulgação

Por que adotar o sétimo dia da semana, acima de qualquer outro, como um dia de repouso e culto? Por que atribuir uma importância tão grande a esse dia, ao contrário do que acontece com os demais? À luz da primeira vinda de Cristo e o repouso que Ele proveu, ou seja, o refrigério que Ele mesmo representa, através da fé para o crente, por que algumas pessoas continuam honrando o sétimo dia? Por que persistir celebrando o chamado dia de culto do velho concerto? Não é o sétimo dia um tipo ou prefiguração do repouso evangélico somente experimentado com a vinda do Messias? Por que não honrar todos os dias como "sábados", desfrutando a entrada no repouso e santidade encontrados pela fé em Jesus Cristo?

Em todo o caso, qual é o significado desse dia tão peculiar?

Atualmente muitos cristãos e ministros evangélicos têm feito semelhantes perguntas com renovado interesse. Alguns adventistas do sétimo dia, que andavam ceifando no árido campo da tradição religiosa, esbararam na maravilha do evangelho e, na alegria da sua descoberta, venderam tudo o que possuíam para tomar posse desse tesouro (Mat. 13:44). E também fazem, com agudeza inédita, as mesmas perguntas.

Uma concentrada produção de literatura sobre o tema tem causado impacto sobre alguns atuais e ex-adventistas; especialmente os que se uniram a congregações independentes. Alguns deles parecem estar bem na maneira como se levantam contra o sábado. Outros, cientes dessas questões, estão reconsiderando seus próprios sentimentos e opiniões.

Vamos estabelecer a questão central

deste artigo de uma forma um pouco diferente: Por que o sétimo dia ainda é uma parte integrante do culto e da fé pós-messiânicos ou cristãos? Uma outra questão relacionada com essa, e que é mais fundamental, também deve ser levantada: Que impacto a vinda de Jesus, no primeiro século, realmente exerceu sobre a Lei e, conseqüentemente, sobre o sétimo dia?

Tendo em mente tais questões, vamos fazer uma abordagem bíblica e teológica, tratando primeiramente, com as evidências do Antigo Testamento. Em seguida, examinaremos o impacto da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo sobre a Lei e o sétimo dia, e, então, refletiremos sobre algumas passagens do Novo Testamento que iluminam a posição tomada sobre o assunto por comunidades cristãs do primeiro século.

Embora a abordagem deste estudo não seja a tradicional, suas suposições e conclusões estão em total consonância com o pensamento e a crença adventistas do sétimo dia. A abordagem tradicional adventista para questões tais como a perpetuidade da lei simplesmente não é suficiente, por si mesma, para responder às inquietantes perguntas feitas pela iniciativa anti-sabática contemporânea. O que tentaremos fazer aqui é discutir a questão do sábado, não apenas na perspectiva de seu lugar na permanência do Decálogo, mas analisá-lo à luz de Cristo e do impacto que Seu primeiro advento causou sobre a lei e o próprio sábado. Assim, o artigo tem como objetivo projetar a autêntica alma cristã do sétimo dia, seu significado cristocêntrico, e seu destacado lugar escriturístico no novo concerto.

Vamos expor a natureza cósmica, pré-lapsariana, pré-hebraica, evangélica, moral e permanente do sétimo dia, tal como apresentada em passagens dos livros de Gênesis e Êxodo.

Três passagens bíblicas

“Assim, pois, foram acabados os céus e a Terra, e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gên. 2:1-3).

Essa passagem nos dá uma descrição histórica da origem e realidade do sétimo dia, como uma parte sagrada de tempo, divinamente especificada. É sugestiva de algumas realidades significativas para nossa discussão, as quais admitem a historicidade do relato de Gênesis.

O autor do Gênesis conecta inextricável e intimamente o sétimo dia com o relato histórico da criação. Dessa maneira, o sábado está ligado a essa imutável ocorrência, que é crucial para a natureza e identidade humanas. Quando o sétimo dia é ligado ou incluído à atividade criadora de Deus, recebe um claro significado cósmico, que transcende limitações temporais, locais ou litúrgicas. A instituição do sétimo dia antecede a promulgação de todas as leis, isto é, as leis cerimoniais mosaicas e, mais especialmente, o próprio Decálogo.

Em Gênesis 2, o sétimo dia não apenas está associado ao evento da criação, mas é santificado, abençoado e feito um dia de repouso, por Deus (v. 3). Na verdade, é a bênção divina que traz o sábado à existência. Desde seu início, e, portanto, por sua natureza essencial, ele tem pouco a ver com nossa usual compreensão dos concertos, tal como a mera estrutura do velho concerto.

O fato de que a santificação do sétimo dia precede em muito a entrega da Lei, no Sinai, também é inegavelmente crucial à sua natureza e significado. Portanto, também é crítico para a sua permanência e importância entre a família de Deus em todos os tempos, passado, presente ou futuro, da História. Devido a que o sétimo dia antecede a entrega de qualquer lei, não pode ser simplesmente ligado ao velho concerto de modo que, com o novo concerto, se torne obsoleto. Na realidade, em virtude da natureza e origem do sábado, ele pode muito bem ser encaixado acima ou dentro de todas as estruturas e conteúdos factuais.

Ligado ou incluído à atividade criadora de Deus, o sábado recebe um significado cósmico, além dos limites temporais, locais ou litúrgicos.

Possivelmente a mais significativa realidade implícita em Gênesis 2, no relato da origem do sábado, é o fato de que sua criação ou inauguração precede não apenas a nação hebraica e o advento formal da lei, mas também a entrada do pecado. O sétimo dia é distintamente pré-lapsariano. Por isso ele não pode meramente ser visto como algo cuja viabilidade depende da estrutura do velho concerto. Esse fato necessita ser mais amplamente explicado. Seu impacto negativo sobre a teoria de que o sétimo dia caducou, por ter sido incluído como parte do velho concerto cuja intenção inicial era, entre outras coisas, tratar da existência do pecado na vida de Israel, é mais que óbvio. Essa existência pré-lapsariana do sábado deve ser admitida pelo menos para questionar uma teologia que o rejeita por causa de suas ligações com o velho concerto.

É constrangedor ler ou ouvir a respeito de tentativas para eliminar ou dar ao sábado um reduzido significado na presente dispensação. Além disso, as únicas explicações que eu tenho encontrado envolvem pressuposições que, no seu âmago, questionam a validade dos relatos do Gênesis e do Êxodo. Isso é algo simplesmente inaceitável entre estudiosos da Bíblia. São raciocínios desconfortáveis, forçados, inconsistentes e inadequados. Devemos ser honestos para reunir todas as evidências bíblicas, sem nos posicionarmos de tal maneira que sejamos forçados a lançar mão de estratégias casuísticas.

Êxodo 16:1-30

Essa passagem relata a dádiva do maná, de Deus para os israelitas durante a peregrinação destes no deserto. O referido episódio, entre outros, evidencia o fato de que o conceito de sábado existia entre os israelitas antes de eles receberem o Decálogo no Sinai (Êxo. 20).

O envio do maná e as instruções sabáticas relacionadas com ele precederam a entrega das tábuas da Lei e, particularmente, o quarto mandamento.

Independente da questão se a nação israelita guardava ou não o sábado antes do Sinai, as instruções de Deus a Moisés sobre o modo distinto de colher o maná enquanto o sábado se aproximava, pressupõe uma certa compreensão da sua natureza antes do mencionado evento. É possível que enquanto Israel estava no Egito esquecera-se do sábado; e, antes da entrega formal da Lei, no Sinai, o Senhor usou a experiência do maná como preparo da nação para a expressão do Seu concerto naquele monte.

Se as evidências desta conscientização sabática pré-sinaítica, presentes no episódio relatado em Êxodo 16, forem contestados, também deve ser questionada a existência de uma herança moral na vida israelita, antes do Sinai, envolvendo princípios além dos que estão contidos nos Dez Mandamentos. É interessante notar que quase nenhuma tentativa é feita para argumentar contra a existência do sábado no culto e na tradição israelitas.

É muito pobre o argumento de que existem poucas, ou não existem, evidências da guarda do sábado ou de sua conscientização antes do Sinai. Embora seja verdade que não há grande volume de material bíblico nesse sentido, nenhuma pessoa bem-intencionada pode ignorar as evidências existentes e suas claras implicações. Historicamente, Gênesis 2 e Êxodo 16 precedem Êxodo 20. Considerando a natureza dessas passagens, é seriamente questionável ignorar ou rejeitar seus respectivos conteúdos.

Outra evidência textual é encontrada em Êxodo 5:1-9 e 15:25 e 26. O primeiro texto alude e pressupõe algum tipo de atividade cerimonial ou litúrgica que deveria ser celebrada no deserto. No capítulo 15, existe a menção dos “decretos” e “mandamentos” de Deus, que deveriam ser obedecidos. As duas referências implicam, no mínimo, a existência de algum hábito ou material cúlto, antes do Sinai.

Êxodo 19 e 20

Os capítulos 19 e 20 do livro de Êxodo contêm o relato da entrega das tábuas da Lei, no monte Sinai. Também incluem um quadro verbal do quarto mandamento (Êxo. 20:8-11). O modo como esse fato aparece no livro revela algumas coisas essenciais.

O Decálogo é definitivamente distinto de outras instruções ou informações civis ou cerimoniais, dadas por Deus através de Moisés. Isso porque o Decálogo foi dado de uma forma extraordinária, quando comparado com a maneira pela qual foram dadas as leis cerimoniais e os requerimentos civis para o culto e governo israelita; isto é, foram escritos por Moisés. Os Dez Mandamentos claramente aparecem no topo quando comparados a outras revelações mosaicas. Embora a obediência a leis, de qualquer tipo, seja inútil para salvar o homem, ninguém pode negar a primazia e o excepcional *status* verificados tanto no modo como os Dez Mandamentos foram dados, como em sua extraordinária substância e seu conteúdo universais.

O Decálogo foi entregue por Deus entre magníficas manifestações de luzes, trovões, relâmpagos, terremoto, fogo e fumaça, precedidas por advertências divinas e instruções para específico preparo. O próprio Moisés teve de subir ao monte. Esses fatos, além do ato de o próprio Deus esboçar com Seu dedo a essência de Sua vontade em tábuas de pedra, definitivamente o distinguem das leis cerimoniais e instruções civis, dadas por Deus a Moisés sob as circunstâncias mais tranquilas.

Em tudo isso, é crucial notar ainda que o mandamento do sétimo dia é colocado junto de outros nove princípios morais no coração da Lei. Tal distinção claramente lhe atribui certa natureza moral e prestígio, superiores a qualquer significado local, temporário ou cerimonial. É altamente questionável fazer algum tipo de exceção do quarto mandamento, designando-lhe uma natureza transitória, cerimonial, ligada ao velho concerto judaico.

Tudo isso é fortemente confirmado pela redação do quarto mandamento. Ele começa com a palavra "Lembra-te". Entre outras coisas, isso novamente sugere ou refere-se à existência do sábado antes do Sinai. A mesma redação, especialmente no verso 8, também é remanescente das palavras de Gênesis 2. É óbvio que os seis

O sétimo dia é parte e parcela das primeiras coisas. O fluir da ordem divina coloca o sábado no interior do círculo da origem de tudo.

dias de trabalho e o sábado, sétimo dia, refletem a atividade de Deus durante a semana da criação (v. 9), o que revela a inextricável ligação do sétimo dia ao significado cósmico do evento da criação. O sétimo dia é parte e parcela das primeiras coisas. O fluir da ordem divina coloca o sábado no interior do círculo da origem de todas as coisas, pois o verso 11 liga a santidade do sétimo dia com a obra criadora de Deus.

Em suma, a própria redação do quarto mandamento dá uma razão definitiva para sua colocação onde ele se encontra: "pois em seis dias, fez o Senhor o céu e a Terra..." Nessa importante afirmação, o sétimo dia não é designado como uma conexão cerimonial, cultural ou nacional, mas com um significado e origem cósmicos. Nenhuma conexão particular com a nação hebraica e suas cerimônias está incluída na redação do mandamento. De fato, Moisés requereu sua observância pelo povo hebreu, mas apenas porque isso foi estabelecido por Deus na Criação e, como os outros nove mandamentos, tem escopo e significado globais.

Nenhuma dessas evidências nega que o sétimo dia tenha conferido um especial significado cerimonial e litúrgico na vida e culto hebreus. O ponto principal, entretanto, é notar o fato que o sábado significa algo mais do que esses limitados padrões, tanto na vida de Israel como na Bíblia inteira.

Nova ordem

Em suma, os relatos de Gênesis e Êxodo a respeito da origem do sétimo dia

estabelecem sua natureza universal no tempo e no espaço. Esses relatos o confirmam como um algo mais que temporário, cerimonial e litúrgico, próprio dos judeus. Atribuir-lhe qualquer outra natureza ou limitar essa dimensão universal significa rejeitar a historicidade do relato bíblico, ou adaptar a única crônica confiável que temos sobre nossas origens aos conceitos humanos.

Neste ponto, a questão fundamental deste estudo começa a apresentar-se com renovada gravidade. Algumas pessoas argumentam que, embora tudo o que foi mencionado até aqui pareça ser verdade, porventura não introduziu Cristo uma mudança de paradigmas histórico e teológico que transformou ou reinterpretou o significado e a natureza da Lei e do sábado, inaugurando um "novo concerto"? Por que continuar observando o sábado como um dia sagrado de adoração, se, com o advento de Jesus Cristo, foi estabelecida uma nova ordem?

Se Jesus trouxe consigo, ou em Si, o principal repouso do evangelho, por que há necessidade de se observar qualquer dia particular de culto e louvor? Não é o sétimo dia simplesmente uma instituição do velho concerto, prefigurativa do repouso de fé inaugurado pelo Messias? Por que continuar em sombras, quando a realidade já apareceu?

Há, na verdade, numerosas passagens do Novo Testamento que podem ser usadas para fundamentar a discussão e responder a essas perguntas. Mas, em virtude da limitação do espaço, não podemos nos referir a todas elas.

A carta aos gálatas

Ao escrever aos cristãos da Galácia, Paulo enfrenta diretamente o problema do impacto causado pelo primeiro advento de Cristo sobre o papel da lei e o do evangelho na vida do crente. A tensão nessa epístola, bem como em outros escritos de Paulo, é entre a lei e Cristo como meios de salvação, mais do que entre lei e graça.

No coração do problema estavam os judaizantes, ou "alguns da seita dos fariseus" (Atos 15:5). Eles eram insistentes em sua crença de que a emergente comunidade cristã deveria adotar obrigações cerimoniais ou mosaicas, tais como a circuncisão e a observância de dias santos. Mantinham firme a idéia de que os cristãos gentios eram obrigados a continuar guardando toda a lei (como Paulo mostra em Gál. 5:1-6), a fim de conseguir o favor de Deus. É bom lem-



Paulo Lutz

brar que isso envolvia observâncias tais como a circuncisão, além de todo o sistema mosaico que incluía o Decálogo.

É com isso em mente que Paulo escreveu às igrejas gálatas, buscando desanuviar suas mentes de tais ensinamentos. Em toda essa questão, é possível verificar não apenas que Paulo era contra os ensinamentos judaizantes, mas qual era, realmente, o seu ensino. Qual era o seu evangelho, e como ele se relaciona com a lei?

Na carta aos gálatas, Paulo apaixonadamente lembra aos crentes o evangelho que ele lhes ensinou, ou seja, o evangelho de Cristo, o qual essencialmente proclama que a lei representa maturidade e completo crescimento em Jesus Cristo. Ele fez isso mostrando como Cristo, através da fé, os tinha libertado da "tutela da lei" (Gál.

3:23) a fim de que pudessem ser "batizados em Cristo" e "Ele revestidos (v. 27), tornando-se de Cristo (v. 29).

Paulo e a lei

Mas, que significado tem isso, especialmente em relação à nossa visão de lei, fé, Cristo, e sétimo dia? À qual lei estava Paulo se referindo quando falou aos gálatas que ela os tutelava? Qual era a tutela da qual, desde a vinda de Cristo, (ou da fé), os gálatas foram libertos (Gál. 3:23-26)? Para responder a essa interrogação crucial, é fundamental que nos reportemos a um importante capítulo da história adventista do sétimo dia.

Gálatas 3:19-25 foi o ponto focal da famosa controvérsia que agitou a Igreja Adventista, em 1888, durante a assembléa

mundial realizada em Minneapolis. Até então, muitos afirmavam que a lei mencionada por Paulo, em Gál. 3, era simplesmente a lei cerimonial ou lei de Moisés, essencialmente os estatutos que governavam a vida litúrgica de Israel, tal como vemos nos livros de Êxodo, Levítico e Números. Por exemplo, eles corretamente criam que todo o sistema sacrificial encontrara seu cumprimento no sacrifício de Cristo na cruz, e por causa disso, os cristãos estavam desobrigados de observar os aspectos cerimoniais da lei hebraica. Mas, erroneamente criam que os dez mandamentos estavam excluídos do uso que Paulo faz da palavra "lei" nessa passagem. Na verdade, o apóstolo abrange o Decálogo, quando fala da lei em Gálatas 3.

Os adventistas, em Minneapolis, esta-

vam comprometidos com a manutenção da autoridade e validade de todos os dez mandamentos. Nisso, estavam corretos; embora não vissem os aspectos cruciais do ensinamento de Paulo. Do contrário, teriam lançado importante luz sobre sua interpretação. Costumavam defender a perpetuidade da lei, diante de outros protestantes, à qual se referiam como o Decálogo ou "lei moral". Aninhados firmemente em sua motivação de manter a autoridade dos dez mandamentos, era também seu grande desejo manter a validade do sétimo dia, como o dia de adoração.

A controvérsia de Minneapolis não ficou restrita a 1888. Em 1900, uma altamente significativa, ainda que raramente reconhecida, interpretação de Gál. 3:19-25 foi publicada. Em essência, a posição foi expressa como segue: "Perguntam-me acerca da lei em Gálatas. Que lei é o aio que nos deve levar a Cristo? Respondo: Tanto o código cerimonial como o moral, dos Dez Mandamentos." – *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 233. Poucos anos depois a mesma interpretação foi repetida, com maior ênfase: "A lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados." Gál. 3:24. Nesta passagem, o Espírito Santo, pelo apóstolo, refere-se especialmente à lei moral." – *Idem*, pág. 234.

As implicações disso para a interpretação da mensagem aos gálatas e, particularmente, de Gál. 3:19-25, são profundas e de longo alcance. Têm importância fundamental, tanto para os adventistas que ainda trabalham com uma série de interpretações pós-Minneapolis, como para outros cristãos, que lutam com alguma incerteza sobre o que Paulo estava argumentando nessa passagem.

É interessante notar que Paulo inclui os dez mandamentos em seus ensinamentos, no terceiro capítulo de Gálatas, e a ilustração que ele usa, no capítulo 4, a respeito de Sara e Hagar. O verso 24 aponta claramente que Hagar representa o velho concerto, o qual, diz Paulo, procedeu do "monte Sinai, que gera escravidão". A referência ao Sinai mostra inequivocamente que o apóstolo tem em mente a lei moral, e não a lei cerimonial como muitos pensam.

Isso está mais claramente expresso em Romanos 7. No verso 4, Paulo fala aos crentes romanos que pela morte de Jesus eles morreram para a lei. Qual lei? Em Rom. 7:7, o apóstolo definitivamente inclui o Decálogo em seus ensinamentos. Nesse verso ele cita o décimo mandamento como ilustrativo de seus argumen-

tos sobre o papel da lei e Cristo: "pois eu não teria conhecido a cobiça, se a lei não dissera: 'não cobiçarás'."

Vivendo por Cristo

Entretanto, é ainda mais crítico o efeito que essa morte para a lei tem sobre a natureza do comportamento ou viver cristão. Através de Cristo nós morremos para a lei a fim de pertencermos "a outro, a saber, Aquele que ressuscitou dentre os mortos", de modo que possamos frutificar para Deus (Rom. 7:4). Essa afirmação está de acordo com o que Paulo diz aos gálatas: a lei "foi adicionada por causa das transgressões, até que viesse o descendente" (Gál. 3:19).

A mensagem decisiva, tanto em Gálatas 3 como em Romanos 7, não é meramente que o papel da lei, incluindo os dez mandamentos, foi alterado pela vinda de Cristo, o descendente; mas que um novo centro de definição ética ou moral foi introduzido: não como um código escrito, mas pelo viver no próprio Cristo. O ponto focal de Paulo não é a montagem de um cenário à parte da lei moral ou de qualquer porção dela, mas através de Cristo, uma interpretação mais completa, definitiva e efetiva de tudo o que é verdadeiro e justo (evangelho e lei) na pessoa de Cristo Jesus.

A meu ver, historicamente, os adventistas não captaram essa realidade divisória. Por isso, eles têm sofrido um certo temor de que se os dez mandamentos forem removidos, nada restará para governar o comportamento humano, incluindo as questões de adoração no sétimo dia. Enquanto isso, o que Paulo está dizendo é que desde a vinda do Messias, a disciplina e orientação estão estabelecidas sobre um fundamento melhor que os dez mandamentos, e que esse fundamento é nada menos que a pessoa do próprio doador da lei, Cristo Jesus. Aliás, esse é o tema do livro escrito aos hebreus.

Por outro lado, muitos evangélicos guardadores do domingo também têm estado inconscientes dessa realidade, como um princípio teológico e prático essencial. Em seu grande esforço para negar qualquer virtude salvífica da lei, eles talvez não têm reconhecido ou aplicado o próprio Cristo como a personificação de tudo o que é verdadeiro e santo, inclusive Seu exemplo e ensinamento quanto ao sétimo dia. Dessa maneira eles consideram o sábado muito vagamente, como um aspecto do Decálogo que pode ser revogado ou invalidado à luz da vinda do Messias.

O ponto crucial é que sob o "velho

concerto", a ênfase moral ou ética residia sobre a validade do código escrito, da lei. Desde a vinda do Messias, essa ênfase mudou para a divina pessoa de Cristo, o doador da lei em primeiro lugar. Há uma diferença significativa entre orientação teológica e prática resultante; entre obediência a um mero código escrito e o amoroso discipulado desenvolvido quando alguém encontra o perdão dos seus pecados, nasce de novo e experimenta o poder do evangelho de Jesus Cristo. Nesse caso, a pessoa segue o Cristo vivo, o único que é o justificador do crente.

Na realidade, os cristãos falam muito sobre discipulado, Romanos e Gálatas, mas não é fácil encontrar uma compreensão geral sobre como a questão de pertencer a Alguém em lugar da lei se encaixa perfeitamente na moldura elaborada por Paulo nos capítulos sete e três, respectivamente de Romanos e Gálatas.

Em Romanos 3, Paulo fala de uma justiça que se manifestou "sem lei" (v. 21), que de fato vem pela fé em Cristo (v. 22). Ao lado disso, no capítulo sete, ele não somente fala de morte para a lei, para que possamos pertencer a Cristo, mas de morte em e com Cristo, "de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra" (Rom. 7:6). Muitas pessoas temem as implicações negativas que essa morte para a lei pode produzir, e se tornam incapacitadas para ver três fabulosos princípios resultantes:

1. Quando nós morremos para a lei, o caminho é aberto para pertencermos a alguém que é muitíssimo mais capaz que a lei de levar-nos a produzir frutos para Deus (Rom. 7:6).

2. Morrendo para a lei, somos libertos para o específico propósito de servir "em novidade de espírito, e não na caducidade da letra" (Rom. 7:6).

3. A lei, especificamente os dez mandamentos, foi perfeitamente cumprida na pessoa de Jesus Cristo, de modo que nesse sentido o crente também pode, através do Espírito Santo, "andar assim como Ele andou" (1 João 2:6), e isso não para se ver livre do compromisso com o Decálogo mas para estabelecê-lo mais firmemente (Rom. 3:31; 7:12; Mat. 5:17-48).

A morte para a lei inclui todos os dez mandamentos da maneira como foram dados originalmente. Não existe uma razão forte para separar o quarto mandamento como uma exceção dos outros nove, especialmente à luz das realidades apresentadas até aqui. Nenhum cristão sério questiona a validade de qualquer dos outros

nove mandamentos como parte central da moralidade humana, residente não apenas em alguma expressão legal, mas na própria pessoa de Deus. Eles são, por sua natureza, cruciais para a qualidade de vida e de qualquer relacionamento no planeta. Pela mesma razão, não podemos descartar o quarto mandamento.

Devemos dizer inequivocamente que da mesma forma como o viver em Cristo ou a personificação de qualquer desses mandamentos não tira nem um “j” ou um “til” da lei, a maneira como Ele tratou o sétimo dia também não altera a sua validade.

O Verbo e a lei

Em palavras de profundo significado e cheias de beleza, João diz na introdução do seu evangelho: “No princípio era o Verbo... e o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1:1 e 14). Embora muito mais esteja abrangido por essas palavras, podemos dizer que o que havia apenas sido expresso como “Palavra” ou em palavras – por exemplo, os dez mandamentos, incluindo o que faz referência à santidade do sétimo dia – tornou-se carne em Jesus de Nazaré, e foi vivido por Ele como foi imaginado, em termos de seu propósito original e significado último.

No Cristo vivo “a palavra” foi encarnada, a lei foi encarnada, o sétimo dia foi encarnado; e a encarnação do que apenas tinha sido falado e escrito tornou-se a mais completa expressão da verdade.

Jesus Cristo é Ele mesmo essa verdade. Ele é o caminho e a vida (João 14:6). O autor da lei veio a este mundo e à Sua criação, viveu entre nós tudo o que o código escrito requeria. Um quadro vale mais que mil palavras.

A exaltação de lei

Jesus não negou a lei. Em Sua vida Ele simplesmente deu-lhe a mais completa expressão, confirmando-a e afirmando-a. Ao mesmo tempo colocou seus princípios sobre o mais elevado plano em que foram colocados desde o Sinai. A pessoa de Jesus é uma revelação maior e melhor do que aquela que Seus próprios dedos poderiam pintar nas tábuas de pedra. E tal expressão messiânica é válida para todos os mandamentos.

Até a vinda de Cristo, nós apenas tínhamos um livro para ler. Podíamos ver a verdade, o evangelho e a lei, apenas em tipos obscuros e proclamações proféticas. Por melhor que isso fosse, não poderia

dar-nos senão um quadro limitado do que o Autor da lei e do evangelho desejava de nós. Quando Ele veio, nós vimos e ouvimos nEle a realidade completa. Pudemos então olhar Seu viver e ouvir Seus ensinamentos, de Seus próprios lábios; e, através do Espírito Santo, isso tem continuidade (João 14:14 e 16). Esse papel messiânico está profundamente estabelecido em passagens como Hebreus 1:1-4, bem como na carta magna de Jesus, que é o sermão do Monte (Mat. 5).

O sétimo dia recriado

Há quem diga que embora todos os outros nove mandamentos tenham sido confirmados ou reafirmados no Novo Testamento ou sob o novo concerto, o quarto é o único que não aparece nessa condição. Isso não é verdade. Se alguém aceita a universal e altamente respeitada idéia que os relatos evangélicos não são meramente expressões primitivas, anedóticas das memórias cristãs, mas elucidações amadurecidas de pensamentos ou verdades teológicas, todas as ações de Jesus, ali relatadas, tomarão um novo significado. Os evangelistas selecionaram cuidadosamente, sob inspiração, ocorrências ilustrativas da vida de Cristo para mostrar o que ela significou.

Existem, ao longo do Novo Testamento, relatos de milagres de Cristo realizados no sábado. Alguns dos Seus mais sublimes ensinamentos ou pensamentos sobre esse dia são extraídos da maneira como Ele realizou tais milagres. Na história do homem com a mão mirrada, que estava na sinagoga no sábado (Luc. 6:6-10), nada é dito concernente a qualquer abolição desse dia. Ali Jesus agiu para mostrar o significado do sétimo dia. Por Suas palavras e ações, na sinagoga, Ele associou o sábado à restauração, saúde, recriação e liberação, características universais do Messias e do evangelho do reino.

Aparentemente, a intenção de Cristo era revelar o novo concerto, o significado evangélico do sábado, incluindo um significado todo abrangente que envolve não apenas a criação, mas a recriação também. Ao modelar esse tipo de sábado, Cristo eliminou dele o opressivo legalismo incrustado que alguns líderes religiosos tradicionais de Seus dias lhe haviam atribuído. Uma cuidadosa releitura de todos os relatos de milagres realizados no sábado, e outras ocorrências sabáticas, revelam o mesmo tipo de tratamento dispensado a esse dia, por Jesus, em todos os casos.

É difícil entender como a vinda de Cristo podia ter sido calculada para remo-

ver o sábado, quando o seu significado no Antigo Testamento é fortemente associado com o imutável evento da criação (Gên. 2:1 e 2; Êxo. 20:8-11). Em outras palavras, ninguém pode encontrar qualquer aspecto da primeira vinda de Cristo que possa justificar logicamente ou encorajar uma negação da criação e, dessa forma, o significado do papel do sábado, instituído na própria criação e no Sinai. É verdade que, em muitos assuntos, o tipo encontrou o antítipo em Jesus Cristo, mas ninguém pode dizer que a criação do mundo foi um tipo de qualquer coisa cujo significado e celebração pudesse cessar quando a realidade aparecesse.

A criação não é um evento cômico ou simbólico. A Bíblia e o senso comum a vêem como um fato, um acontecimento. O palavreado do quarto mandamento também a vê como um fato imutável; portanto, a santidade do sétimo dia não pode mudar. Muito mais poderia ser dito, enquanto reconhecemos a natureza evangélica do sétimo dia. Por exemplo, é significativo que uma vez que Jesus completou Sua obra, morrendo com as palavras “está consumado” em Seus lábios, tenha repousado na tumba durante o sétimo dia, aparentemente confirmando com isso o significado que esse dia deveria ter à luz da Sua primeira vinda. Com isso, Ele conectou o repouso do sétimo dia não apenas com a criação, mas também com a redenção.

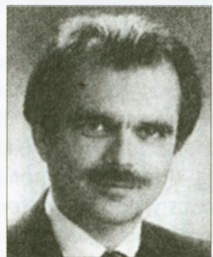
Outra questão que poderia ser levantada diz respeito aos “dias santos” encontrados em Romanos 14 e Colossenses 2. É suficiente dizer que Paulo, nessas passagens, não está se referindo ao significado cósmico, fundamentado na criação, do sábado semanal. De tudo o que acontecia na comunidade cristã primitiva, é muito claro que os dias aí mencionados não foram por ela compreendidos como o sábado semanal do Decálogo, mas, como a linguagem paulina sugere, os dias de festas, ou sábados cerimoniais.

É vital que juntemos em nosso pensamento todas as realidades sobre o sábado expressas no Antigo Testamento e as integremos cuidadosamente com o que diz o Novo Testamento. Sempre que essa aproximação global for empregada em nosso estudo das Escrituras, especialmente sobre assuntos como lei, Cristo e o sétimo dia, tudo isso será colocado numa moldura cristocêntrica, inteiramente de acordo com as realidades do novo concerto, incluindo a maravilhosa verdade que o próprio Jesus é o repouso do crente e a personificação de toda verdade. ☆

Pastoreando um multidistrito

BRIAN D. JONES

Ph.D., pastor das igrejas adventistas de Berkley Springs e Charles Town, Estados Unidos



Divulgação

O pastorado de um grande distrito não necessita ser uma experiência esmagadora. Embora seja desafiante, também produz alegrias e recompensas. Se você é pastor de uma igreja ou de muitas, sempre terá o sentimento de que seu distrito ou suas congregações têm mais necessidades do que você é capaz de satisfazer. Sucesso ou fracasso em sua missão depende não de quanto você pode fazer para manter o controle sobre as igrejas, mas de quão bem você pode trabalhar junto com elas, motivando-as e treinando-as para conduzir os fardos e responsabilidades do ministério coletivo.

Os membros devem ser treinados para conduzir suas responsabilidades com um senso de chamado e missão, não como substitutos para seu superatarefado pastor e suas desatendidas congregações. Quando pastor e congregações compreendem isso, pastorear muitas igrejas não é tão difícil.

De alguma forma, pode até ser mais fácil. Frequentemente os membros de uma só igreja são muito dependentes de seus pastores, e esperam que eles façam muito do trabalho que eles mesmos deveriam fazer, tais como preparar boletins, ou tarefas administrativas que são parte dos deveres dos anciãos e diáconos. Num distrito com muitas igrejas, é fácil guiar os membros a reconhecer o pastor como primariamente um supervisor espiritual, treinador e ganhador de almas, em vez de um tipo que está pronto para fazer qualquer tarefa que apareça.

Durante os seis últimos anos, pastoreei multidistritos. De início, foi muito ajudador o fato de que os membros compreenderam dois grandes princípios: primeiro, "todo membro da igreja deve se tornar um obreiro ativo – uma pedra viva, espargindo luz no templo de Deus" – *Serviço Cristão*, pág. 62. Segundo, "aqueles a cujo cargo se

encontram os interesses espirituais da igreja devem formular planos e meios pelos quais se dê a todos os seus membros alguma oportunidade de fazer uma parte na obra de Deus" – *Idem*, pág. 61. Essa não é uma estratégia inteligente para aliviar a vida do pastor, mas um princípio compreensivo que ajudará a prosperidade da igreja. É o modelo de serviço do Novo Testamento (I Cor. 12:4-14; I Tess. 1:1-8; II Tim. 2:2).

Se os pastores fazem tudo sozinhos e comunicam todas as instruções espirituais, estão realmente prestando um des-serviço às congregações, impedindo os membros de descobrirem e desenvolverem seus dons espirituais. Estão perpetuando a mística medieval, segundo a qual somente os pastores são espiritualmente qualificados para pregar a Palavra e ministrar ao rebanho. Quando os ministros virem a igreja como um centro de treinamento para os membros, o lugar no qual os seus dons são colocados em uso, para crescimento do reino de Deus, eles terão o fundamento para compreender como pastorear um multidistrito.

Quero partilhar algumas lições que tenho aprendido ao pastorear muitas igrejas.

Familiarização

Gaste seus primeiros três ou seis meses de trabalho em um novo distrito familiarizando-se com todos os membros. Se você não fizer isso logo, qualquer planejamento que estabelecer para seu pastorado carecerá do fundamento essencial para o êxito. Aprenda a história básica de cada uma de suas igrejas. Toda congregação tem sua distintiva personalidade incorporada, tal como a comunidade maior à qual ela serve. Seja sensível em relação aos programas e ministérios que serão efetivos para cada igreja.

Faça uma aproximação sobre medida, em lugar de uma padronizada. Programas que dão certo em uma igreja podem não funcionar em outra, ou funcionar de maneira errada. Não introduza qualquer mudança apenas por querer colocar sua marca na congregação. Os membros podem interpretar esse gesto como egoísta.

Familiarize-se com os pontos altos e fracos das igrejas. Evite fazer comparações desfavoráveis, em público ou em particular, entre congregações diferentes. Onde for possível, utilize a força de uma congregação para suprir as fraquezas de outra. Por exemplo, você pode ter muitos excelentes pregadores leigos em uma igreja, e noutra não ter nenhum. Até que você treine alguns dessa congregação para pregar, supra a necessidade com pregadores de outras congregações. Isso une as igrejas e promove um senso de irmandade entre elas. Mas não deixe uma congregação menor ou mais fraca sentir-se como o primo pobre o tempo todo. Identifique dons nessa congregação que poderão ser usados em outras frentes.

Planejamento

De início, tenha seus próprios planos para fazer a obra avançar no distrito. Coloque esses planos e aspirações primeiramente diante de seus líderes locais. Seja consultivo, mas reconheça que seus líderes leigos estão, em muitos casos, esperando por sua direção e liderança. Em seu planejamento, leve em conta as percebidas necessidades e habilidades de suas igrejas. Seja receptivo às observações e percepções dos membros, e ensine-os também a planejar. Trabalhe intimamente com as comissões e, com muita oração, procure moldá-las em um grupo afirmativo, unido e positivo.

Não tema alterar e ampliar seus planos à medida que a igreja progride. Não seja megalomaniaco. Seja apenas realista, prático, dependente do Espírito para motivar e liderar suas igrejas.

Delegação

Essencial em toda liderança, delegar responsabilidades é indispensável em um multidistrito pastoral. Não imagine que depois de nomear a comissão já fez seu trabalho e todos os oficiais que foram escolhidos já sabem as responsabilidades que devem desempenhar, dispensando mais orientações. Os membros da igreja necessitam saber os deveres de suas funções, e muitos necessitam de ajuda para aprender a como conduzir tais deveres. Também necessitam ser capacitados e encorajados na realização de suas atividades. Precisam receber uma palavra de reconhecimento

quando alcançam êxito, incentivo e ajuda quando as coisas não dão certo.

Eduque e treine seus líderes. Municie-os com recursos e guia para desenvolver suas habilidades. Esteja lado a lado com eles nos seminários de treinamento, e encoraje-os a assistir àqueles que poderão ajudá-los na execução das respectivas tarefas. Informe-se sobre os recursos disponíveis para você e suas igrejas, na sede do Campo.

Leve os anciãos com você para o trabalho de visitação; treine-os para pregar. Convide outros oradores também para suas igrejas. Assim você terá mais tempo para visitar vários lugares, de maneira que conhecerá melhor o seu povo e compreenderá a dinâmica congregacional de suas igrejas. E os membros se alegrarão com sua presença constante.

Assistência espiritual

Além da visitação, use o telefone para manter contato com seus membros. Um telefonema encorajador, sem qualquer propósito expresso de trabalho, será sempre bem-vindo. As pessoas saberão que têm um pastor cuidadoso. Seja especialmente diligente ao visitar os doentes num hospital. Não mostre parcialidade, dando mais atenção a uns que a outros, a menos que você tenha uma ótima e bem-intencionada razão para fazer isso.

Na verdade, os membros em geral compreenderão que você deve dispensar boa parte do tempo aos interessados numa reunião especial, atendendo um idoso de 80 anos, às portas da morte, ao invés de um jovem com 18 anos sem problemas, cheio de vida, ou dando assistência à igreja onde realiza uma campanha evangelística em lugar de ficar todo o tempo numa que não está envolvida nesse tipo de trabalho.

Não negligencie as reuniões de oração nas maiores igrejas, e não deixe de prover bons estudos. Eles galvanizam a fé, convence da verdade presente e promove o zelo evangelístico. Faça arranjos para que as reuniões de oração sejam conduzidas em todas as igrejas, sob a liderança dos mais hábeis líderes.

Partilhe as notícias do distrito através de boletins, anúncios, etc. Tenha uma reunião anual do distrito, de caráter social, num lugar agradável, ou alterne entre as igrejas a responsabilidade de promover e sediar esse evento.

Disponibilidade

Evite dar a impressão de que está tão atarefado que seria melhor os membros não o procurarem, exceto em alguma

emergência. Distribua seu itinerário a cada igreja e grupo do seu distrito. Especifique em quais dias da semana ou do mês você estará em cada lugar. Visite sistematicamente os membros e treine-os na tarefa missionária. Se possível, facilite as ligações a cobrar ou instale o sistema 0800 em seu escritório, para os membros que moram longe. Faça arranjos para que a igreja assumisse essa despesa. De todo modo, é um serviço compensador, pois além de agilizar a resolução de problemas, os membros se sentirão mais assistidos por você.

Responda a todas as mensagens telefônicas, sem demora. Os membros se sentem ofendidos quando suas chamadas não são prontamente respondidas. Interpretam que você fez pouco caso deles ou da questão apresentada.

Cuidado pessoal e familiar

Os negócios da igreja tendem a roubar o tempo que devemos dedicar ao cuidado da nossa própria vida espiritual. Oração, estudo e devoção pessoal podem ser facilmente negligenciados. Esse perigo é ainda mais presente entre os pastores de multidistritos. "Nada é mais necessário em nossos trabalhos do que os resultados práticos da comunhão com Deus. ... Eis o que dará ao obreiro um poder que nada mais será capaz de lhe comunicar. Jamais devemos permitir ser privados de tal poder." – *Obreiros Evangélicos*, pág. 510.

Permaneça íntimo do Senhor. Conheça a agenda do Espírito. Dessa forma você realizará muito mais, pregará com mais poder e será um conduto de motivação e unificadora graça celestiais.

Reserve uma parte de cada dia para estudar e meditar, além de um dia inteiro da semana dedicado à família. Não esteja tão casado com seu pastorado que viva divorciado da esposa e dos filhos.

Seja positivo. Não viva queixando-se de estar sobrecarregado, mal pago ou desvalorizado – nem à família nem aos membros da igreja. Observações negativas não produzirão resultados positivos. Pelo contrário, serão como um coice: "nosso pastor não está satisfeito aqui; ele nos deixará tão logo surja uma oportunidade."

A conclusão é simples: quer você pastoreie um distrito grande ou pequeno, está colaborando com Cristo. Seu jugo é suave, e Seu fardo é leve. Ministrando ao lado de Jesus ajuda-nos a encontrar nEle a força de que necessitamos. Podemos até nos cansar e procurar repouso. Mas com uma atitude correta e positiva, nunca nos sentiremos esgotados. ☆

O grande conflito

JUAN E. MILLANAO O.

D.Min., professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Na milenar batalha entre o bem e o mal, o inimigo está localizado e identificado. É quase unânime a opinião, entre os cristãos, que Satanás transformou este mundo em uma área de agressão. Sua ocupação principal é desvirtuar ou paralisar o progresso espiritual dos filhos de Deus. Contudo, o apóstolo Paulo, através da carta aos efésios, no capítulo seis, nos convida a considerar as características da guerra, na qual também estamos envolvidos, as áreas de especial cuidado, e a provisão divina que reafirma a vitória do povo de Deus no conflito.

O Senhor não nos fez concededores do tempo da segunda vinda de Cristo (Mat. 24:36). Porém, podemos ter a convicção bíblica de que será precedida por uma guerra espiritual (Efés. 6:10-19). Deus tem colocado em ação todos os poderes dos Céus para proteger os Seus filhos e derrotar os seres espirituais que iniciaram uma "guerra civil" contra o Pai e, particularmente, contra Seu Filho.

Características

Quais as características desse conflito? Primeiramente, trata-se de uma guerra contra Cristo e Sua Igreja. Essas duas coisas não podem ser separadas (Mat. 16:18). "Satanás é o inimigo pessoal de Cristo."¹ As evidências dessa luta incluem as tentações que o Salvador sofreu (Mat. 4:1-11), Seus confrontos com os demônios, segundo vários relatos bíblicos (Luc. 22:31-34; Gál. 5:16 e 17; Efés. 6:10-20). Se os olhos do povo de Deus fossem "abertos para discernir os anjos caídos atuando naqueles que se sentem cómodos e se consideram seguros, nosso sentimento seria outro".² Deus em Cristo en-

frentou o inimigo, e a Igreja deve seguir esse exemplo divino. Há muito o que perder ou ganhar neste conflito. A Igreja não pode aceitar a paz a qualquer preço.

"Se consentimos em baixar nossos braços, em baixar o estandarte ensanguentado, e chegamos a ser cativos e servos de Satanás, poderíamos ser libertos do conflito e do sofrimento. Porém essa paz será ganha somente com a perda de Cristo e dos Céus. Não podemos aceitar paz sob tais condições. Que haja guerra, guerra, até o final da história deste mundo, em vez de paz através da apostasia e do pecado."³ Essa declaração coloca em evidência duas coisas: primeira, que "a vida cristã é uma guerra constante".⁴ Segunda, que "a Igreja militante não é a igreja triunfante".⁵ É evidente que a guerra espiritual é absoluta e não poderíamos participar em outra variedade de conflito.

Em segundo lugar, o grande conflito é uma guerra de natureza espiritual. De acordo com Efésios 6:12, o inimigo é espiritual e a guerra é espiritual. Mesmo quando o apóstolo (Efés. 6:15) fala de paz, o interesse primário do capítulo é espiritual e não psicológico.

Paz não é primariamente tranqüilidade emocional; envolve a salvação da pessoa inteira. O evangelho da paz (6:15) é a boa-nova de que Deus reconciliou-Se com o homem e que este pode agora ter paz com Deus (Rom. 2:10). É também um poder que protege o homem em seu ser interior (Fil. 4:7) e que governa em seu coração (Col. 3:15).⁶ A batalha real é espiritual e não está localizada, por exemplo, nas finanças de uma igreja. Se uma congregação não tem dinheiro, significa que

está perdendo a batalha na dimensão espiritual. Muito menos a batalha está centralizada em um doméstico da fé. Não podemos nos permitir ser encontrados guerreando mutuamente. Parafraseando o apóstolo, não é a "carne" de um crente o inimigo a ser enfrentado. O conflito é de natureza espiritual.

Como terceira característica da guerra despontam sua universalidade e continuidade. Para alguns soldados, odiar o inimigo (Satanás) significa odiar a guerra ou pelo menos negá-la. Porém ninguém escapa do conflito. É universal. Na verdade, parece ser cada dia mais intenso e sutil. "Isto sempre tem sido aplicado ao povo de Deus em cada época do mundo, porém quanto mais à Igreja remanescente que tem de enfrentar as constantes e mais poderosas obras mestras do poder das trevas para este último tempo."⁷ Ao entrar em um novo ano, que foi aguardado com especial expectativa, "que nenhuma alma imagine que a obtenção da vida eterna mediante a obra consumada por Cristo não envolve luta, conflito. O apóstolo declara: 'porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne...' (Efés. 6:12). Devemos ser achados continuamente pelejando a boa batalha da fé".⁸ A bendita contrafação dessa realidade espiritual é que "todo o Céu está desejoso de ajudar aqueles pelos quais Cristo morreu".⁹

Quarta característica, a guerra tem dimensões externas e internas. Segundo o ponto de vista dos filhos de Deus, a guerra espiritual possui manifestações externas e internas. Efésios 6:12 parece indicar que "por trás das estruturas e instituições visíveis da sociedade e da cultura, as forças do mal estão atuando, usando seu poder invisível para escravizar e cegar os crentes".¹⁰ Por outro lado, Ellen G. White escreveu que "a Igreja pelejará contra forças visíveis e invisíveis".¹¹ A guerra parece ainda mais complexa quando se observa sua dimensão interna, no coração do crente. O mandato de Efés. 6:10, no sentido de sermos fortes no Senhor e no poder de Sua força, tem sua base em Efés. 3:16, onde encontramos a promessa de sermos "fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior".

Finalmente, a guerra é desenvolvida entre dois grupos. O exército contrário a Cristo está composto por anjos caídos. Esses anjos são seres espirituais (Efés. 6:12). São seres pessoais dotados de inteligência e vontade. Possuem natureza moral e, portanto, se encontram sob obrigação moral; conseqüentemente, foram

Em contrapartida ao dinamismo enganoso de Satanás, devemos ser um exército influyente, invulnerável, que se esparge como o gás.

castigados pela desobediência. A Bíblia descreve os que caíram como mentirosos e pecadores: João 8:44, I João 3:8-10. Eles sempre estão inclinados a destruir o trabalho do Senhor (Luc. 11:21; II Tess. 2:9; I Ped. 5:8).¹²

Esse propósito maligno é levado adiante por meio de quatro tipos de poderes sobre-humanos: principados, potestades, governadores das trevas e hostes espirituais da maldade, nas regiões celestes (Efés. 6:12).

O poderoso exército de Deus está composto por anjos santos: Sal. 103:20; Col. 1:16; Efés. 1:21; 3:10; Heb. 1:14. Esse exército partilha o objetivo central da carta aos efésios, o qual é "a recriação da família humana de acordo com o desenho original de Deus".¹³

Áreas de cuidado

O plano divino de recriar a família humana demanda a participação ativa do povo de Deus, que precisa exercer cuidado em relação a pelo menos cinco itens espirituais importantes. O primeiro é evitar fugir do conflito, pois isso representa oferecer a espada ao inimigo. A armadura oferecida por Deus a Seus filhos protege especialmente a parte dianteira do corpo. O escudo da fé (Efés. 6:16) parece dizer que Cristo não é apenas salvação, mas segurança. As duas coisas requerem a nossa permanência firme diante do inimigo, não em uma atitude temerária ou arrogante. De outra maneira, como entender a provisão da armadura senão como o desejo divino de evitar feridas e morte desnecessárias?

O segundo item que devemos cuidar é evitar assumir uma atitude derrotista ou triunfalista no conflito. A pessoa derrotista é aquela que somente concentra sua atenção no poder do inimigo e que observa a segunda vinda de Cristo como uma esperança quase equivalente à duvidosa expressão "talvez seja salvo". O triunfalista apenas observa a vitória de Cristo na cruz e não considera que o mesmo Cristo vitorioso nos oferece uma armadura (Efés. 6:13) frente às confederações do mal. O apóstolo parece dizer-nos que não existe esperança de prevalecer contra essa confederação satânica sem a armadura de Deus. As duas atitudes refletem uma visão apenas parcial do plano de Deus para a salvação de Seus filhos. Enquanto o "reino de Deus permanece numa esperança escatológica",¹⁴ o Espírito Santo nos escotorga "esperança que não é uma atitude meramente otimista quanto ao futuro".¹⁵

Outra área que requer especial cuidado é o imperativo de sustentar a estratégia e as táticas de Cristo na guerra espiritual. A estratégia é o objetivo na guerra, a visão que contempla a totalidade. Para a igreja, a estratégia consiste em ir a todo o mundo e pregar o evangelho (Mat. 28:18-10). As táticas são os meios ou os passos para alcançar o fim estratégico já anunciado. Nossa fortaleza reside na estratégia¹⁶ e não tanto nas táticas ou meios. Esses últimos sempre têm sido e serão escassos.

Todo exército precisa de estratégia e táticas. Existem pelo menos dois tipos de exércitos: um que se mantém na defensiva, mantém sua posição. Outro tipo é o exército de ataque, que se move apropriadamente ao seu objetivo, com o fim de ocupar território. A Bíblia fala a respeito de permanecer e de avançar,¹⁷ bem como os escritos de Ellen G. White.¹⁸ Nos dois tipos de exércitos, há três elementos: o matemático, o biológico e o psicológico.

No elemento matemático (onde predomina a ênfase estatística, que usa variáveis conhecidas, leva em conta condições fixas, preocupa-se principalmente com espaço e tempo), o alvo é geográfico, ou seja, ocupação da terra. A pergunta é: como isso acontece? A imagem de um exército como uma planta imóvel, fixa em suas raízes, poderia favorecer ao diabo. Ele permite que tenhamos à mão muitos recursos, só isso, que acabam emperrados pela maquinaria enferrujada. Em contrapartida ao dinamismo enganoso, disfarçado e mentiroso de Satanás, deveríamos ser um exército influyente, invulnerável, que se esparge como o gás. Não é suficiente nos conten-

tarmos com ganhar terreno. Parece mais adequado seguir a imagem de um exército ágil, móvel.

No elemento biológico encontramos a humanidade em batalha. É o ponto de vida ou morte, de lágrimas e sepulturas. A humanidade é a linha da variabilidade. Os homens e mulheres são sensíveis e muitas vezes ilógicos. Se conhecem a força do inimigo e a menosprezam, em geral dispensam os que estão na reserva e os idosos. Mas não é isso o que o profeta Joel recomenda fazer (Joel 2:28). Os velhos biologicamente, muitas vezes não são representados por números, estatisticamente, mas eles são imprescindíveis. A tática de um jovem pastor pode ser 90% correta; porém, os "dispensáveis" 10% (velhos e crianças) podem ser a chave na manutenção da comunicação (oração) com Deus na guerra. E mais, a gerontologia nos ajuda a compreender que esse contingente somente pode ser liderado por intuição, já que os adultos têm sua própria motivação.

A estratégia de Cristo sempre levou em conta as pessoas. Elas são mais importantes e completas que o equipamento de guerra. A armadura está a serviço do homem, e não o contrário. Então, não são "unidades", mas indivíduos. Agora, se estes dispõem de materiais para a batalha (I Cor. 9:7), tanto melhor.

O "ataque" será normal: não contra pessoas, mas contra sistemas de crenças, de uma determinada visão de mundo; contra a falsa segurança na qual muitos põem a confiança. Nessa ação, a armadura nos lembra que nunca se expõe um alvo ao inimigo. Não queremos perder ninguém.

O terceiro elemento é a multidão em ação. Aqui é considerada a capacidade de ânimo espiritual e psicológico dos homens e mulheres. Leva-se em conta suas complexidades e mudanças, o cultivo do que neles chama atenção e desperta interesse. Trabalha-se basicamente em três áreas: conhecimento da mente do inimigo; nutrição da mente do povo que apóia; e, o mais importante, cultivo da mente do soldado.

Preparação básica do soldado é o quarto elemento a ser considerado. De acordo com o apóstolo Pedro, os soldados cristãos também são sacerdotes para Deus (I Ped. 2:5-10). Pedro nos oferece o conceito bíblico do *status* dos membros do exército. Na Igreja, todos são sacerdotes e soldados, embora nem todos os sacerdotes sejam ministros. Nesse conceito estão incluídos privilégios e responsabilidades

A guerra não é contra pessoas, mas contra sistemas de crenças; contra a falsa segurança na qual muitos põem a confiança.

de cada crente. Os privilégios ou "os atributos cristãos não são dados como ornamentos para conseguir admiração, mas os talentos devem ser usados para cumprir a obra de Deus. Temos que dar atenção às palavras de Paulo... Efésios 6:10-18."¹⁹ A recompensa não é financeira, seu único "contrato" é seu amor a Cristo.

Suas responsabilidades são melhor entendidas no contexto das imagens coletivas que o apóstolo Pedro apresenta, entre as quais se encontram: pedras vivas (v. 5), casa espiritual, nação santa, povo escolhido, sacerdócio real, povo adquirido (v. 9). Essas imagens deixam fora todo individualismo. Cada soldado trabalha anunciando as virtudes de Cristo, não para o bem individual ou pessoal, mas para o bem comum da Igreja, para glorificar e honrar a Deus.

É importante capacitar o soldado qualificado.²⁰ Isso significa simplesmente seguir a instrução de Deus que "não deseja ter um verdadeiro soldado da cruz permanecendo na ignorância ou trevas".²¹ Como preparar os soldados? As instruções misturam teoria e prática, ou seja, "não deveriam esperar até que eles conheçam tudo para começar a comunicar a outros; eles não deveriam pensar que alcançaram tudo o que pertence à obra de um ministro, para pregar um sermão".²² Os "comandantes" se preocupam mais com o que os soldados pensam do que com o que fazem.

Pensando no conflito, Paulo escreve aos irmãos efésios, exortando-os a ser fortes (Efés. 6:10), não débeis, flutuantes, descuidados e inconstantes como as

ondas do mar. Precisam ser fortes no Senhor, no poder de Sua força. Isso nos leva ao quinto item que requer nossa atenção, isto é, evitar confiar na moralidade humana. Essa é a área mais delicada e complexa para o espírito humano, e requer atenção especial.

Na mente da maioria dos nossos contemporâneos, cristianismo significa primeiramente moralidade. O aspecto espiritual de nossa fé, exceto entre alguns poucos, é esquecido. Mesmo entre os cristãos existe confusão. Esquecemo-nos de que a revelação de Deus não tem nada a ver com a simples moralidade exterior; absolutamente nada.

A Torah, como palavra de Deus, é a própria revelação de Deus. Estabelece o que separa a vida da morte e simboliza a total soberania de Deus. Semelhantemente, o que Jesus disse nos evangelhos, não é apenas moralidade exterior. Possui um caráter existencial e descansa numa mudança radical do ser. O que Paulo disse em suas cartas não é moralidade superficial, mas direções práticas respaldadas pelo exemplo. Não há um sistema simplesmente moral na revelação de Deus em Cristo Jesus. Não há preceitos morais que possam existir independentes, e dessa forma possam ter validade universal para elaboração de um sistema.

Como nos mostra o livro de Gênesis, a origem do pecado no mundo não é conhecimento, mas o conhecimento do bem e do mal. O que não é aceitável a Deus é o fato de decidirmos o que é o bem e o que é o mal. Biblicamente, o bem é a vontade de Deus. Isso é tudo. O que Deus decide, seja o que for, é o bem. Quando construímos uma moralidade, quando decidimos o que é correto, é ali que somos radicalmente pecadores. Justamente por isso é que Jesus combateu os fariseus. Eles se consideram moralmente superiores ao povo. Viviam a melhor vida. Consideravam-se perfeitamente obedientes e virtuosos. Porém haviam substituído progressivamente a Palavra de Deus viva, que nunca pode ser dependente de mandamentos humanos, por sua própria moralidade.

Nos evangelhos, Cristo constantemente rompe preceitos religiosos e regras morais forjados pelos homens. Ele nos ensina o caminho: "Segue-Me", e não a uma lista de coisas para fazer ou não fazer. Mostrou-nos plenamente o que significa ser pessoas livres. Uma liberdade desfrutada pela obediência à sempre nova palavra de Deus.

A revelação é um ataque à moralidade



nos moldes humanos, tal como Jesus maravilhosamente expôs em Suas parábolas. Basta ver as parábolas do reino, do filho pródigo, dos talentos, da vinha e dos obreiros, do servo infiel, entre outras. Em todas elas, o protagonista principal não viveu uma vida moralmente aprovada. O exemplo vem do errante transformado pelo poder da graça de Jesus.

Evidentemente não devemos incentivar o roubo, a violência, o adultério e coisas semelhantes. Pelo contrário, a conduta à qual somos chamados, sobrepuja a simples moralidade humana, porque ela pode ser muitas vezes o obstáculo em nosso real encontro com Deus e para o desenvolvimento da vida cristã sadia. Ela é especialista em condenar. Cristo mesmo foi condenado por pessoas que se achavam moralistas.

Um dos dramas básicos na história do cristianismo, um dos seus mais decisivos retrocessos, tem sido a transformação da

Palavra em código moralista. É difícil descobrir as causas desse fenômeno. Porém, aparentemente, os cristãos acham difícil viver em espírito de liberdade e amor. As normas têm que ser impostas. Os deveres precisam ser indicados.

Desde o final do segundo século d.C., a Igreja não pôde evitar multiplicar as regras morais em antítese ao evangelho. Condutas relacionadas com um certo código moral chegaram a ser o critério da vida cristã. A vida devocional e a oração foram transformadas em regras morais. O cristianismo tomou a aparência de um sistema moral e a teologia experimentou profundas modificações, de acordo com a nova proeminência das obras.

"São as muitas boas obras realidades nas quais alguém pode confiar e considerar-se como bom cristão? Não, o tipo de pessoas que Jesus exemplifica como solo rochoso são as que confiaram em suas próprias boas obras; eram fortes em si

mesmas e em sua própria justiça. Não eram fortes no Senhor e na força do Seu poder (Efés. 6:10)."²³ Moralidade humana pode produzir pessoas conservadoras na cabeça, mas liberais nos pés. Existe um grande perigo quando pensamos que tudo o de que necessitamos é conhecimento intelectual e um vocabulário para implantar nossa posição doutrinária ou religiosa. Essa não é uma questão de posições nem de lugar. Mesmo no local na ceia pascal de Cristo e Seus discípulos, Satanás estava atuando. Paulo não apenas nos adverte do perigo, como nos dá uma promessa: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo." (Efés. 6:11). "Demos cuidadosa atenção a esse conselho. Se não fosse possível sermos fortalecidos, Deus não o teria dito."²⁴

As possibilidades de ser fortes (Efés. 6:10 e 11) são dons de Deus, porque "todas as boas qualidades que os ho-



através da Palavra e da oração. Essas são as armas, tanto defensivas como ofensivas, com que Deus equipou Seu povo. O inimigo é espiritual e a guerra é espiritual. Por isso necessitamos de poder espiritual oriundo dessas fontes. Embora o mundo organizado e espiritual de Satanás seja invisível e obscuro, a defesa e o ataque dos santos não o são. Não lutamos como o mundo. Quanto à eficácia da Palavra de Deus somos recomendados a que "estejamos preparados para resistir mediante a Palavra de Deus, a única arma que podemos usar com êxito".²⁸

Tendo a Igreja sido recrutada sob o líder correto, para pelejar a batalha correta, com o equipamento correto, a manobra correta a ser executada é a oração (Efés. 6:18). Ela deve ser feita no Espírito, não na carne (Rom. 8:9). Estar "na carne" é "vida que é vivida somente no nível humano, com exclusão de tudo o que está relacionado com Deus".²⁹ Quando Deus é o centro, "podemos muito mais com nossas orações, do que todos os inimigos com suas jactâncias".³⁰

Que há em comum entre o estudo da Palavra e a oração? O objetivo fundamental de Satanás nesta guerra é destruir nossa comunicação com o Altíssimo. Os demônios se opõem "ao progresso espiritual do povo de Deus".³¹ Devemos cuidar para que nossa comunicação com Ele seja fluida.

Uma comunicação apropriada com Deus produz uma apropriada comunicação entre pastores e irmãos. Cristo enviou Seus discípulos de dois em dois (Mat. 10; Luc. 10), para que tivessem em mente que ninguém é completo em si mesmo. Há necessidade de interdependência espiritual no exército de Cristo. E mais, quanto maior é a ênfase em exterioridades, mais baixa a eficiência do conjunto do indivíduo. As linhas da comunicação não operam por subordinação, mas por coordenação. O controle somente é exercido por influência e conselho, por um conhecimento superior, por autoridade em Cristo e Seu Espírito, e nunca por autoritarismo. A união espiritual e metodológica entre ministros e irmãos voluntários é indispensável para concluir a obra da pregação.

Ao lado do cultivo das virtudes "passivas" do estudo da Palavra e da oração, somos convidados a pregar o evangelho a todo o mundo, inclusive às pessoas que se opõem à obra de Cristo. Não podemos alimentar maus sentimentos para com aqueles a quem pretendemos evangelizar (Mat. 5:44-48). Temos, em meio à guerra dos séculos, a inescapável necessidade de pregar o evangelho (Efés. 6:20), uma co-

missão que não escolhemos por nós mesmos (Efés. 3:7).³² Poderíamos perguntar como Isaías: "Até quando, Senhor?" (Isa. 6:11). Não há registro na Bíblia de alguém que aposentou-se de pregar o evangelho.

O conflito terminará na segunda vinda de Cristo. Ele e Seus milhões de anjos fazem que os inimigos fujam em desespero, pedindo a morte sob as rochas (Apoc. 6:15 e 16). Ai ficará evidente o de sempre: que a batalha é ganha independente da força humana. Importará então o fato de que a igreja militou em perfeita disposição. A estratégia (Mat. 28:18-20) foi validada, e todas as táticas humanas gloriosamente superadas. ☆

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, vol. 4, pág. 92.
- 2 *Ibid*.
- 3 Ellen G. White, *Review and Herald*, 08/05/1888, pág. 9.
- 4 _____, *Peter's Counsel to Parents*, Campground, CA, pág. 23.
- 5 *Ibid*.
- 6 George E. Ladd, *Theology of the New Testament*. Eerdmans, Grand Rapids, MI: 1974, pág. 492.
- 7 Ellen G. White, *That I May Know Him*, pág. 346.
- 8 _____, *Bible Echo and Signs of the Times*, 01/04/1892.
- 9 _____, *The General Conference Bulletin*, 08/04/1901.
- 10 Millard J. Erickson, *Christian Theology*. Baker, Grand Rapids, MI: 1990, pág. 650.
- 11 Ellen G. White, *The Faith I Live By*, pág. 325.
- 12 L. Berkhof, *Teologia Sistemática*. Tell, ed. Espanhola de 1987, Grand Rapids, MI: págs. 169 e 170.
- 13 Richard Erickson, *Evangelical Commentary on the Bible*. Walter A. Ellwell, ed., Baker, Grand Rapids, MI: 1989, pág. 1021.
- 14 George E. Ladd, *Ibid.*, pág. 369.
- 15 *Idem*, pág. 491.
- 16 Escrevendo sobre a grande comissão de Mateus 28, Ellen White disse que Cristo "lhes ordenou que fossem valentes e fortes; porque Um mais poderoso que os anjos estaria em suas fileiras: o General dos exércitos do Céu". – Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, pág. 24.
- 17 A Bíblia fala que somos peregrinos, que devemos dar testemunho até os confins da Terra, correr como atletas com os olhos postos em Cristo (Heb. 12:1 e 2). Mas também registra as imagens de firme permanência, como em Efésios 6:13 e 14.
- 18 "A ordem estabelecida na primeira igreja cristã, habitou-a para seguir firmemente adiante, como um exército disciplinado, revestido da armadura de Deus. Os grupos de fiéis, embora espalhados num território dilatado, eram todos membros de um só corpo e atuavam em concerto e harmonia." – Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, pág. 80.
- 19 Ellen G. White, *Bible Training School*, 01/06/1903.
- 20 Sra. White recomendou que os afetados por circunstâncias como apostasia e rebelião "deviam ficar em casa e empregar sua força mental e física em uma posição de menor responsabilidade enquanto não sejam capazes de enfrentar uma oposição tão forte". – 2T, 515.
- 21 Ellen G. White, *Bible Training School*, 01/06/1911.
- 22 _____, *Bible Echo and Signs of the Times*, 01/04/1892.
- 23 _____, *Review and Herald*, 07/06/1892.
- 24 _____, *Ellen G. White 1888 Materials*, pág. 1013.
- 25 _____, *Patriarcas e Profetas*, pág. 775.
- 26 _____, *The Health Reformer*, 01/09/1878, pág. 11.
- 27 _____, *God's Amazing Grace*, pág. 196.
- 28 _____, *Spirituals Gifts*, vol. 4, pág. 92.
- 29 George Ladd, *Op. Cit.* Pág. 369.
- 30 Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 222.
- 31 Millard J. Erickson, *Op. Cit.*, pág. 449.
- 32 George Ladd, *Op. Cit.*, pág. 381.

mens possuem são dádivas de Deus".²⁵ Cristo é o maior dom do Céu "e aí está nossa única oportunidade para vencer no que respeita à moral... Seu divino poder combinado com a humanidade conquistou para o homem uma vitória infinita. Nosso Representante nessa vitória elevou a humanidade na escala de valor moral com Deus".²⁶ "Nossa vontade finita deve ser posta em sujeição à vontade do Infinito; a vontade humana deve combinar-se com a divina. Isso trará o Espírito Santo em nossa ajuda."²⁷

Provisão divina

O Senhor capacitou Seu povo com os meios devocionais para depender dEle; com a lição implícita da interdependência entre ministros e irmãos voluntários e com o desafio de pregar o evangelho.

A batalha é espiritual, e não se pode encontrar Deus em meio a ela através de um computador. Isso somente é possível

De volta às origens

RUSSELL BURRILL

D.Min., diretor do Instituto de Evangelismo da Divisão Norte-Americana e do Departamento de Ministério Cristão da Universidade Andrews, Estados Unidos



Divulgação



Ere

Muitos adventistas do sétimo dia norte-americanos agem como se vivessem em um país totalmente cristianizado. Isso é um grande engano. Somente 10% da população dos Estados Unidos são "cristãos bíblicos".¹ A porcentagem de não alcançados no Canadá é ainda maior. E muitos outros países ao redor do mundo enfrentam o mesmo desafio. Nossa mensagem deve penetrar as massas urbanas que têm sido negligenciadas por muitos anos, ao longo da história.

Quase todos os clérigos adventistas do século 19 foram evangelistas e plantadores de igrejas. Esse foi o segredo do seu sucesso. Se os pastores adventistas hoje seguissem os passos dos seus colegas do século 19, fundando novas igrejas na mesma proporção que eles faziam, estariam plantando aproximadamente duas novas igrejas por ano. Em números reais, os adventistas do século 19 criaram mais igrejas anualmente, do que seus irmãos norte-americanos o fizeram durante a primeira metade dos anos 90.

Nos anos 1870, nossos pioneiros levantaram uma média de 42 igrejas cada ano; nos anos 90, a média foi de 27 por ano. Nos mesmos anos 1870, eram necessários dois pastores para plantar uma igreja cada ano, mas nos anos 90, foram necessários 122 pastores para realizar a mesma tarefa.

Alguma coisa precisa ser mudada, e rápido.

Como os pastores adventistas do século 19 plantavam tantas igrejas? A resposta é simples. Nenhum deles servia como pastor local em alguma igreja. Todas as congregações foram ensinadas a cuidar de si mesmas, deixando os pastores livres para evangelizar e penetrar em novos lugares. Isso era parte de um plano missionário organizado e bem direcionado. Em contraste, hoje, a maioria dos nossos pastores são alocados em igrejas estabelecidas.

Dependência perigosa

O sistema dizimal único do adventismo foi instituído para apoiar o movimento de

plântio de igrejas. Considerando que nenhum clérigo servia a uma congregação local, todos os dízimos eram devolvidos ao Campo em apoio ao plano de estabelecer novas igrejas. Esse modelo serviu bem à Igreja Adventista, durante todo o século 19.

No início do século 20, o adventismo norte-americano começou a copiar o modelo popular protestante de colocar pastores para cuidar de uma igreja. Inicialmente, eles foram colocados a pastorear as maiores igrejas; e, depois da morte de Ellen White, passaram a ser indicados para todas as igrejas, independente do seu tamanho.

O Pastor A. G. Daniells, presidente da Associação Geral, e a Sra. Ellen White vigorosamente se opuseram a essa prática. O argumento da irmã White fundamentava-se em dois princípios: a necessidade de colheita e a saúde da congregação local. Ela percebeu que as igrejas que dependiam de um pastor para sua sobrevivência tornavam-se fracas e laodiceanas. Em contraste, as igrejas que não viviam nessa dependência eram fortes e vibrantes. Ela foi enfática em dar a sua opinião, sob inspiração divina: "Não deveria haver um chamado para estabelecer pastores sobre nossas igrejas, mas deveríamos deixar que o poder vivo da verdade impressionasse os membros a agirem individualmente, levando-os a trabalhar dedicada e eficientemente em favor da obra missionária em cada localidade. Sob a direção de Deus, a igreja deve ser educada e treinada para realizar efetivo serviço. Seus membros devem ser os obreiros cristãos devotados ao Senhor."²

"Se fossem dadas as devidas instruções, caso fossem seguidos métodos apropriados, todo membro da igreja faria seu trabalho como membro do corpo. Faria trabalho missionário cristão. Mas as igrejas estão morrendo e querem um ministro que lhes pregue.

"Devem ser ensinados a dar fielmente o dízimo a Deus, para que os possa fortalecer e abençoar. Devem ser postos em ordem de trabalho, para que possam receber o alento do Senhor. Deve-se-lhes ensinar que, a não ser que possam permanecer por si sós, sem um ministro, precisam converter-se, sendo de novo batizados. Necessitam nascer de novo."³

H. M. S. Richards, escrevendo em 1950, mencionou que quando ele iniciou seu ministério, olhava as igrejas que se acostumaram a depender dos pastores como decadentes.⁴ Após a morte de Ellen White, na América do Norte, a prática de indicar pastores como líderes de igrejas

começou a ganhar espaço. Quanto mais pastores eram postos a serviço das igrejas, mais débeis elas se tornavam, até que, finalmente, a mentalidade missionária quase desapareceu e a responsabilidade do pastor passou a ser o cuidado dos crentes, para reanimá-los e devolver-lhes o senso de missão. Hoje, é quase impossível para um pastor satisfazer todas as necessidades das muitas congregações sob sua responsabilidade. O resultado disso é que toda igreja, grande ou pequena, deseja ter seu próprio pastor a fim de receber a nutrição necessária, enquanto a missão de Cristo fica inconclusa.

Como Roland Allen observou: "Onde as igrejas são mais dependentes, elas são fracas, sem vida, inertes. ... Nada produz maior enfraquecimento como o hábito de depender de outros para coisas que nós podemos suprir por nós mesmos."⁵

Um novo começo

É tempo, portanto, para voltarmos ao papel de pastores em harmonia com a herança adventista. Esse papel deve priorizar a missão. Ao liderar igrejas, o pastor não deve esquecer, sob hipótese alguma, de que sua tarefa é a de treinador e capacitador dos santos (Efés. 4:11 e 12). Entretanto, esse papel é melhor desempenhado em igrejas com mais de 150 membros, nas quais é necessário uma pessoa que atue como coordenador e treinador. Em igrejas com número de membros inferior a 150, a presença de um pastor tende a criar congregações dependentes e fracas, bem como santos esqueléticos.

Isso quer dizer que igrejas com menos de 150 membros deveriam ser fechadas? Absolutamente não. Muitas delas podem ser vibrantes centros de nutrição ao povo de Deus e de promoção do Seu reino. Em lugar de fechar, elas devem ser ensinadas a cuidar de si mesmas, à semelhança das igrejas pequenas do adventismo primitivo. Deveriam ficar inteiramente livres de qualquer supervisão pastoral? Também não. Um pastor que sirva como treinador deve ser posto a cuidar de um distrito que reúna algumas dessas igrejas menores.

De acordo com Ellen White, isso é saudável para as congregações. E a própria escatologia adventista aponta a um tempo, durante a crise final, quando as igrejas não terão pastores e terão de existir por si mesmas. Por que não agora?

Em janeiro de 1999, apresentei esses conceitos a um grupo de leigos e pastores em uma Associação norte-americana

com menos de cinco mil membros. Com uma presença de 10% deles, o grupo aceitou com entusiasmo a idéia e pediu à liderança do Campo liberdade para agir. Nessa Associação, havia apenas duas ou três igrejas com mais de 150 membros. Eu acredito que nossos irmãos seguirão de boa vontade o conselho da Sra. White, quando verdadeiramente o compreenderem.

Sugestão radical

Tudo isso pode ser visto como uma sugestão radical. Na realidade, é uma volta às nossas raízes missionárias. Alguns podem ficar surpresos e discordar de que alguns pastores passem a ter de liderar distritos com dez, quinze ou vinte congregações. Posso garantir-lhes que liderar vinte congregações menores pode até ser mais fácil do que conduzir duas ou três grandes igrejas. Quando um pastor tem apenas cinco igrejas, cada uma delas espera passivamente que ele faça todas as coisas. Mas quando 20 congregações estão sob a liderança de um pastor, todas elas reconhecem que é impossível depender inteiramente dele. Portanto, os membros serão mais abertos a aceitar o papel indicado por Deus. Na verdade, o pastor necessitaria de soberbas habilidades administrativas, pois acabaria atuando não apenas como um pastor, mas como um mini-presidente de Campo.

Se levamos a sério nossa missão, devemos direcionar a absorção de nossos recursos nas pequenas igrejas que raramente crescem. O que sugiro aqui e explico mais detalhadamente em meus livros,⁶ é apenas uma sugestão. Imagino que deve haver outras sugestões igualmente válidas e dignas de consideração.

Mas qualquer que seja a direção em que nossa Igreja se mova, devemos ser levados de volta à nossa herança, e em frente, para o cumprimento da nossa missão. É alto tempo da missão ser o motivo impelente de todas as nossas igrejas. ☆

Referências:

- 1 George Barna, *The Index of Leading Spiritual Indicators*, Word, Dallas, TX: 1996, págs. 124-128.
- 2 "The Work in Greater New York", *Atlantic Union Gleaner*, 08/01/1902.
- 3 Ellen G. White, *Evangelismo*. Casa Publicadora Brasileira, Tatui, SP: 1997, pág. 381.
- 4 H. M. S. Richards, *Feed My Sheep*. Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, MD: 1958, pág. 156.
- 5 Roland Allen, *The Spontaneous Expansion of the Church*, Eerdmans, Grand Rapids, MI: 1962, pág. 35.
- 6 *Ver Revolution in the Church. Radical Disciples for Revolutionary Churches. The Revolutionized Church for the Twenty-first Century, e Recovering an Adventist Approach to the Life and Mission of the Local Church.*

Identidade assumida



Divulgação

Quem ou o que eu sou? Quão honesto eu tenho de ser a respeito da minha própria identidade? Quão importante é que minha identidade seja clara?

Conhecer a identidade de alguém é importante para a sobrevivência. A descoberta da identidade das pessoas é essencial para os relacionamentos. Uma vida gasta em negar a identidade, mostrar desinteresse nela, ou jamais buscando encontrá-la, provavelmente é insustentável. Na melhor das hipóteses é uma vida incompleta, gasta em trevas, escassa da realidade e ansiosa por encontrar uma verdade indefinível. Isso causa frustração, o que não é uma boa maneira de viver.

Identidade é algo mais que “de onde eu vim?” ou “quem são meus pais?” É mais que qualificação profissional; mais que preferências e rejeições, odores e paladares. Em parte, ela pode ser tudo isso, mas é a realidade interior da personalidade. Minha identidade é minha alma. É o que me torna “eu”, e dota-me de razões para ser transparente e honesto comigo mesmo. Também me leva a olhar e compreender as características exteriores de minha pessoa, que confirmam uma conexão de identidade. Todos somos parte de alguma coisa maior que nós mesmos. Nesse sentido, nós encontramos uma comunidade de identidade partilhada.

Como crentes, nossa identidade primária está em Cristo. Pela fé Ele nasce e reside em nós. Pertencemos a Ele. Minha identidade não pode ser razoável ou acuradamente estabelecida sem uma compreensiva afirmação do que Jesus Cristo é para mim e o que Sua presença faz em minha vida. Nisso reside a diferença que a conversão faz em uma pessoa. Ela muda radicalmente a identidade pessoal de alguém. Nisso também reside a diferença entre um crente e um descrente. Suas identidades são mundos distintos.

Mas identidade é algo ainda mais específico que isso. Quando eu vou ao púlpito para ensinar e interpretar a Palavra, é mais importante que eu lembre dos indivíduos que estão diante de mim, conscientes de sua identidade, como pertencentes a esta particular comunidade de fé.

Como estamos nós descobrindo e expressando nossa identidade?

Não estou pensando primariamente no evangelista que, ao planejar sua estratégia, escolhe focalizar menos sobre si mesmo e mais sobre o que tem a dizer; embora ele também necessite saber por si mesmo, completa e honestamente, a razão dessa escolha. Também não estou pensando no indivíduo que escolhe escapar de um primeiro contato para focalizar sobre “quem eu sou”, porque “em 30 minutos vamos nos separar cada um para o seu lado”, ou porque a discussão sobre esse tema precisa ser estabelecida numa plataforma mais ampla. Não; eu estou pensando mais em nossos relacionamentos e contatos feitos a longo prazo, um longo cultivo de nossa identidade e a deliberada maneira pela qual escolhemos, ou não, expressá-la. Sim, estou pensando em ministérios tais como o pastoral, educacional, médico, e outros.

Por que deveria a identidade do executor desses ministérios ser obscura? E por que deveria haver qualquer tensão entre a sua declarada identidade e a do que está

sendo feito? Por que deveria um adorador, no banco da igreja, ouvir o sermão e perguntar se o pregador é um adventista, batista ou luterano? Ou identificar o material do sermão de hoje com o que foi lido no jornal de ontem ou num livro de Psicologia? Esta é uma Igreja Adventista do Sétimo Dia. Deixemos que nossa mensagem reflita essa identidade. É a Palavra de Deus que deve ser proclamada. Vamos mostrar a identidade bíblica. Foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia quem criou suas instituições. Deixemos que a sua identidade seja refletida naquilo em que nós, como teólogos, historiadores e conselheiros, fazemos ou ensinamos. Isso é razoável e honesto.

A identidade pode ser afirmada ou negada; não esquecida. Identidade ignorada torna-se negada, por omissão, simplesmente porque, com o passar do tempo, ela deixa de refletir acuradamente quem somos. Alguma coisa acontece ao longo do caminho. Ela pode dizer quem nós costumamos ser, mas que de certo modo temos rejeitado, não nos sentindo mais confortáveis em continuar sendo identificados dessa maneira. E algo acontece na jornada que nos aguarda adiante; marcados pela desafeição e distância, nos tornamos estranhos ao que éramos.

Isso é traumático quando nos acontece individualmente. É destrutivo quando acontece à comunidade como Igreja ou aos vários serviços e ministérios providos. Ao fim do dia, todos necessitamos saber quem nós somos, onde estamos e a quem pertencemos. O “meio do caminho” pode ser um ponto de transição, mas não é uma casa permanente.

É importante que tenhamos bem clara a nossa identidade. Nossa sobrevivência depende disso. Falhar em encontrá-la e afirmá-la induz-nos à solitária vida de um estranho. E isso não é viver. — Jan Paulsen, presidente da Associação Geral da IASD ☆



MELHORE SUA LINGUAGEM – Pedro Apolinário, Editora Universitária Adventista, Caixa Postal 12.630, CEP 04744-970 São Paulo, SP; E-mail postmaster@john.iae-sp.br; 350 páginas.

Dentre as atividades humanas, o jornalismo, a ad-

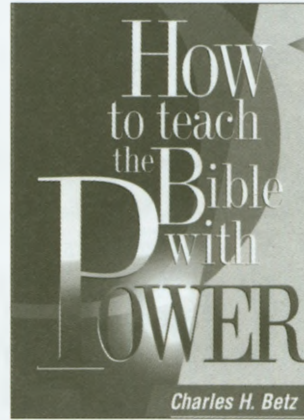
vocacia, o magistério e a tribuna política e sagrada estão entre aquelas que exigem bom domínio da língua, porque esse é o veículo de que se servem para defender as idéias e transmitir conhecimentos. Comunicador de verdades sublimes e eternas, o pastor precisa estar familiarizado com os princípios de utilização correta da linguagem. *Melhore Sua Linguagem*, de autoria do Pastor Pedro Apolinário, licenciado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, é uma excelente contribuição aos pregadores do evangelho.



A IGREJA SAUDÁVEL – C. Peter Wagner, Editora Quadrangular, Av. General Olímpio da Silveira, 180, CEP 01150-000, Barra Funda, São Paulo, SP; 174 páginas.

Por que algumas igrejas têm sobrevivido centenas de anos, enquanto outras

são nocauteadas nos primórdios de sua existência? O Dr. C. Peter Wagner responde a esta questão, ao examinar nove enfermidades espirituais que podem atacar qualquer igreja. Aqui está um modelo de diagnóstico e receitas que todo líder pode seguir para restaurar a vitalidade da sua congregação. C. Peter Wagner é professor de crescimento da igreja no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia, Estados Unidos.



HOW TO TEACH THE BIBLE WITH POWER – Charles H. Betz, Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, MD 21740, Estados Unidos; 140 páginas.

Este é um valioso livro que ajudará na tarefa de ensinar a Bíblia de maneira

criativa, e com poder, a pessoas de qualquer idade. Pastores, professores de Escola Sabatina, professores de Educação Religiosa, ou mesmo pais em contato com os filhos, podem tirar o melhor proveito na utilização desta obra. Seu autor é especialista em Educação, pós-graduado como Mestre em Educação Religiosa pelo Seminário Teológico Batista Golden Gate, Estados Unidos. Desde sua jubilação, em 1982, partilha sua experiência através da realização de vários seminários dirigidos aos pais e professores de Escola Sabatina.

Neste livro, Betz realça princípios e estratégias cristocêntricos que tornam a Bíblia ainda mais interessante.



UMA NOVA ERA SEGUNDO AS PROFECIAS DO APOCALIPSE – C. Mervyn Maxwell, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-000 Tatuí, SP; 580 páginas.

Trata-se de um clássico em dois volumes, contendo a mais recente pesquisa

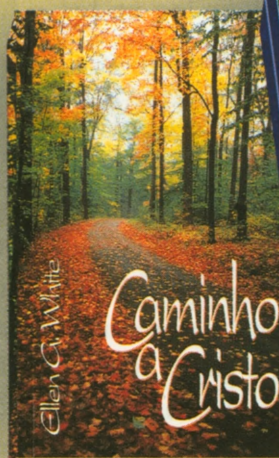
sobre os fascinantes livros proféticos de Daniel e Apocalipse. Maxwell, doutor em História Eclesiástica pela Universidade de Chicago, transmite sua erudição em linguagem acessível, permitindo que esses livros bíblicos falem diretamente ao coração do leitor.

Lançamentos

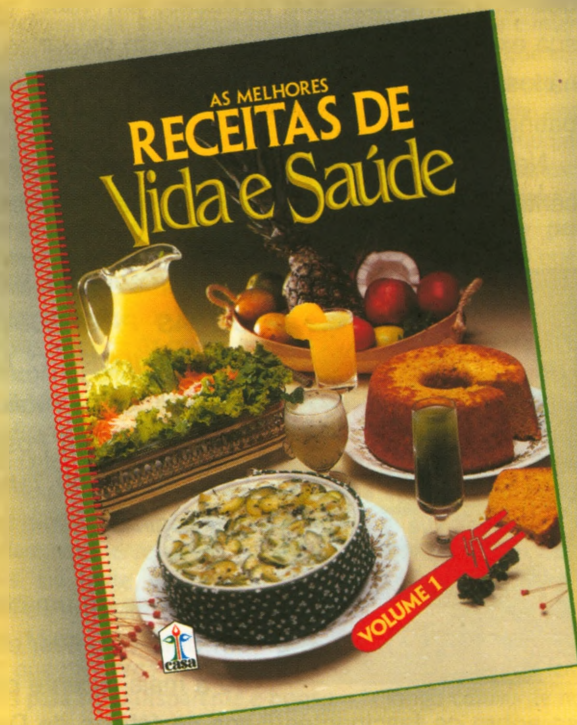
Casa



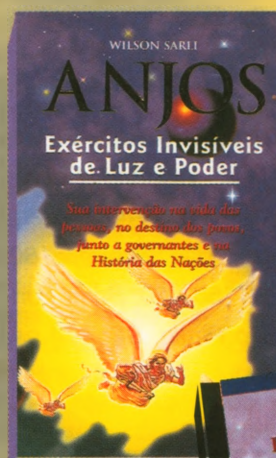
✓ O Mundo Maravilhoso da Bíblia para Crianças, toda ilustrada em cores



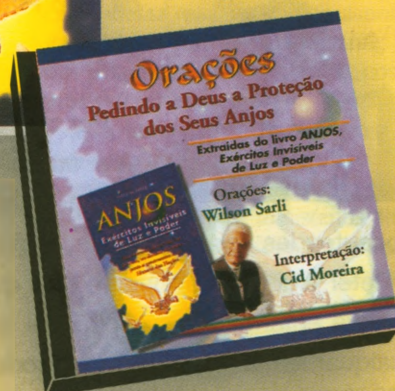
✓ 6 CDs gravados por Cid Moreira, contendo, na íntegra, o livro Caminho a Cristo



✓ As Melhores Receitas de Vida e Saúde



✓ Anjos, Exércitos Invisíveis de Luz e Poder



✓ CD com orações do livro Anjos, na interpretação de Cid Moreira

Ligue grátis
0800-552616
 para fazer seu pedido



Casa Publicadora Brasileira

Visite nosso Site: <http://www.cpb.com.br>

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (0__15) 250-8800 - Fax: (0__15) 250-8900